



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
CURSO DE MUSEOLOGIA

Imigração e Religiosidade: As Representações no Memorial da Sinagoga Kehilat Israel
sobre os Judeus.

ORIENTADORA: Prof^a Dra. Eloísa Pereira Barroso

Brasília, DF

2017



MARINA ALVES MENDES ITABAIANA DE MORAIS

Imigração e religiosidade: As Representações no Memorial da Sinagoga Kehilat Israel
sobre os Judeus.

Monografia apresentada como requisito
básico para obtenção do título de bacharel
em Museologia pela Faculdade de Ciência
da Informação da Universidade de Brasília.
Orientadora: Prof.^a Dr.^a Eloisa Pereira
Barroso

Brasília, DF

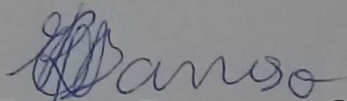
2017

Título: *Imigração e Religiosidade: As representações no memorial da Sinagoga kehilat Israel sobre os Judeus.*

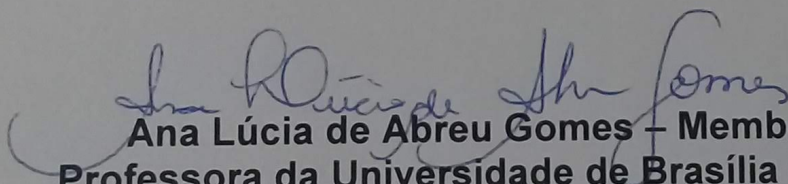
Aluno: Marina Alves Mendes Itabaiana de Moraes

Monografia apresentada ao Curso de Museologia da Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Museologia.

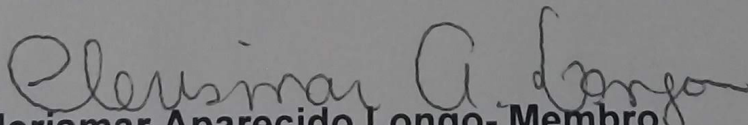
Brasília 06 de dezembro de 2017.



Eloísa Pereira Barroso – Orientadora
Professora da Universidade de Brasília (UnB)
Doutora em Sociologia - UnB



Ana Lúcia de Abreu Gomes – Membro
Professora da Universidade de Brasília (UnB)
Doutora em História Cultural - UnB



Clerismar Aparecido Longo- Membro
Professor da Universidade de Brasília (UnB)
Mestrado em História - UnB

All you need is your own imagination

So use it that's what it's for

Go inside, for your finest inspiration

Your dreams will open the door

Vogue - Madonna.

AGRADECIMENTOS

Há nove semestres eu iniciava o curso de Museologia, curso em que a maioria do corpo docente era formado por mulheres - inteligentíssimas, determinadas, com opiniões fortes que servem de inspiração às jovens aspirantes à vida acadêmica. Assim, meu reconhecimento à Ana Abreu, Celina Kuniyoshi e Miriam Manini. Também agradeço aos professores Matias Monteiro e Bernardo Arribada que ministraram as matérias que exigem e nos permitem montar uma exposição que, apesar de todo o stress, foi prazeroso.

Ao meu primeiro orientador, Thiago Tremonte de Lemos, por ter me dado a oportunidade de participar da Iniciação Científica e por dividir comigo uma parte do seu conhecimento.

A minha atual orientadora, Eloísa Barroso, por ter aceito embarcar nesta minha viagem.

Às minhas avós Marlene (*in memoriam*) e Adalgisa por me doutrinarem desde cedo a ser feminista e me incentivarem a seguir pelo caminho dos livros, filmes e estudos.

Aos meus pais, José Carlos e Marta Regina, por todo aporte emocional e financeiro. São a minha base e os principais incentivadores dos meus devaneios. Martinha, *Dizem até que ando rindo demais/E que conto anedotas demais/Que não largo o cigarro e dirijo o meu carro.*

Aos meus bichinhos Mônica Geralda, uma poodle muito peralta, e Zezé (*in memoriam*) meu canário que escutava jazz, por esses anos de alegria.

Aos meus companheiros, amigos de todas as horas Bárbara Pinori, Renzo Braga, Bárbara Veras e Oscar Zibordi.

À Iago Vinicius, Isabelle Freire e Clarice per l'amistà e compagna.

Ao Marcos Francisco - *E que me lembrasse a cada instante/Que valeu a pena cada lance, E que valerá, tenha certeza, pra toda a vida.*

Pela lei natural dos encontros eu deixo e recebo um tanto - Aos bidus da UnB: Thais Ferreira, Thanity Andrade, Nathalia Reys, David Capelo, Gustavo Lopes, Amanda Kat., Janiane Aparecida, Carol Valadares, Amanda Costa, Mel., Elisa Coutinho, Glaucia Veloso, Alessandra, Thulio Bezerra, Lucas Novais, Paulo Rebello e Mateus Siqueira.

Por fim, ao Reuven Faingold, Ilana Iglicky e Daniel Schainer do Memorial da Imigração Judaica por todo suporte.

A origem é o alvo

(Karl Kraus)

RESUMO

Exposições são plataformas utilizadas dentro dos museus para narrar uma história, elas auxiliam em reafirmar e legitimar o discurso de um povo como imprescindível dentro de um contexto nacional ou mesmo global. Os memoriais, por sua vez, são destinados a rememorar eventos trágicos, homenagear personalidades artísticas ou políticas e fazem com esse passado seja constantemente lembrado. Diante do exposto, o presente trabalho propõe uma reflexão sobre a representação da memória judaica a partir da análise das três exposições que ocorrem no Memorial da Imigração Judaica (MIMJ), que está abrigado pela Sinagoga Kehilat Israel, no Bairro do Bom Retiro em São Paulo. A metodologia parte da análise de fotografias com o intuito de entender como se constroem as narrativas sobre o povo judeu enquanto um imigrante no Bairro do Bom Retiro, enfim buscar-se-á na pesquisa em tela analisar a construção da memória do Memorial da Imigração Judaica a partir dos elementos que compõem a narrativa das exposições.

PALAVRAS - CHAVES: Memorial da Imigração Judaica; Judeus; Museologia; Memória; Representação; Exposição.

ABSTRACT

Exhibits are platforms used within museums to tell a story, they help in reaffirming and legitimizing a people's discourse as essential within a national or even global context. Memorials, in turn, are meant to recall tragic events, to honor artistic or political personalities, and to make this past constantly remembered. In view of the above, the present work proposes a reflection on the representation of the Jewish memory from the analysis of the three exhibitions that take place in the Memorial da Imigração Judaica (MIMJ), which is housed in the Kehilat Israel Synagogue, in the Bom Retiro, São Paulo. The methodology is based on the analysis of photographs in order to understand how the narratives about the Jewish people are constructed as an immigrant in the Bom Retiro. Finally, we will look at the screen survey to analyze the construction of the memory of the Memorial da Imigração Judaica from the elements that make up the narrative of the exhibitions.

Keywords: Memorial da Imigração Judaica; Jewish; Representation; Museology; Memory; exhibitions;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Fachada atual da Sinagoga Kehilat Israel.

Figura 2. Plano de circulação de visita no MIMJ retirada do material educativo.

Figura 3: Visão geral do subsolo.

Figura 4: Painel sobre lazer e esporte.

Figura 5: Tela para selecionar o nome.

Figura 6: Tela em aparece a história.

Figura 7: Tela em aparece a história mapa interativo, exibindo a localização da Sinagoga Kehilat Israel

Figura 8: “Instalação” que intercala fotografia de comerciantes judeus e desenhos representando profissões. Foto: memorial da imigração judaica

Figura 9: Painel ofício dos imigrantes.

Figura 10: Capas de jornais judaicos.

Figura 11: Módulo Bom Retiro, protótipo do Brasil acolhedor.

Figura 12: Pomba de Noé com ramo de oliveira no bico

Figura 13: As pedras – gueto de Segóvia, gueto de Varsóvia e muro de Berlim

Figura 14. Espaço da sinagoga.

Figura 15. Documentos em exposição/ Documento do tabelião da primeira compra da casa em 1912/ Lista de nomes da comunidade judaica que assinaram a ata da sessão solene.

Figura 16. Linha do tempo da Sinagoga Kehilat Israel.

Figura 17: Painel de explicação do módulo.

Figura 18: As faces dos imigrantes.

Figura 19: Visão geral da exposição do segundo andar.

Figura 20: Objetos judaicos.

Figura 21: Mesa com projeção das comidas de festa e calendário judaico.

Figura 22: Sobre ciclo da vida.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AHJ – Arquivo Histórico Judaico

CEAA – Centro de Estudo e Análise de Acervo do Memorial da Imigração judaica

ICIB – Instituto Cultural Israelita Brasileiro

JCA - Jewish Colonization Association

MIMJ - Memorial da Imigração Judaica

SUMÁRIO

<u>APRESENTAÇÃO</u>	<u>11</u>
<u>CAPÍTULO 1 - O BOM RETIRO E OS JUDEUS</u>	<u>15</u>
<u>1.1 A RUA DA GRAÇA E O ESPAÇO JUDAICO</u>	<u>18</u>
<u>CAPÍTULO 2 - UM LABORATÓRIO CHAMADO MEMORIAL - REPRESENTAÇÃO E MEMÓRIA.</u>	<u>27</u>
<u>2.1 – ENTRE MEMORIAL E MUSEU</u>	<u>29</u>
<u>2.2 - DISCURSO MUSEOLÓGICO E EXPOSIÇÃO</u>	<u>33</u>
<u>CAPÍTULO 3 - O MEMORIAL DA IMIGRAÇÃO JUDAICA</u>	<u>39</u>
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS.</u>	<u>69</u>
<u>REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA</u>	<u>71</u>

APRESENTAÇÃO

O tema desta monografia foi inspirado pelo ensaio *Cascas* (2011) do filósofo francês Georges Didi- Huberman, o texto é uma descrição do Museu Estatal Auschwitz - Birkenau, criticando a musealização do campo de extermínio Auschwitz - Birkenau e suas implicações para a narrativa da Shoá¹ aos visitantes, afinal era um lugar de barbárie transformado em um lugar de cultura. Contudo, as minhas inquietações se dão em compreender como o museu institucionaliza a História a partir das memórias. Tomando como ponto de partida o ensaio *Cascas*, meu interesse por curadoria e a representação da memória nos museus, escolhi o Memorial da Imigração Judaica (MIMJ) como plataforma de observação para analisar como as memórias daquele povo foram condensadas em uma narrativa tornando-se a História do povo judaico que veio para o Brasil contribuindo para a formação dos valores e da cultura brasileira. Assim, o tema que será desenvolvido é a institucionalização da História pelos museus e, como o trabalho consiste em analisar o discurso do museu a partir da exposição de longa duração, o eixo abarcado é Teoria e Prática Museológica.

Segundo Carlo Ginzburg (2007), é da tradição judaica narrar a sua própria história a fim de perpetuá-la, entretanto, vários grupos sociais têm também como prática preservar a sua história a partir das memórias, mas a minha escolha pela comunidade judaica se deu por ser um grupo que possui um grande número de centros de memória, memoriais e museus ao redor do mundo que rememoram seu passado, principalmente o Holocausto. O que me intrigou no Memorial da Imigração Judaica foi saber o porquê eles se propõem em refundar a história judaica. Confere-se assim a escolha do Memorial da Imigração Judaica, pela sua proposta em preservar a memória e história daqueles que construíram a Sinagoga Kehilat Israel levando em consideração os costumes da cultura e a participação destes na cultura brasileira. Portanto procurar-se-á nesta pesquisa entender como se efetiva a construção da memória judaica no espaço da Sinagoga Kehilat Israel na cidade de São Paulo. Além de ser um museu novo, ainda em

¹ Shoá: palavra em hebraico que significa devastação e catástrofe. Utilizada pela comunidade judaica para designar o genocídio judeu no período nazista. Termo que substitui Holocausto, que tem como significado sacrifício. Ver: DANZINGER, Leila. Shoah ou Holocausto: a aporia dos nomes. **Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG**, v. 1, n. 1, p. 50-58, 2007./ AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha [Homo sacer, III]**. Boitempo Editorial, 2015.

construção com suportes tecnológicos e que teve participação da comunidade judaica e a sua missão de preencher uma “lacuna” sobre a imigração judaica no Brasil, tendo em vista que existem museus e memoriais² sobre as imigrações de outros povos.

O que me motivou a entender a institucionalização da história pelos museus foi a necessidade de se discutir o museu como um espaço de construção e consolidação de identidades. A fim de contribuir para a discussão sobre o campo de atuação da museologia e museografia nos museus e centros de memória, para que museólogos, historiadores, curadores, a sociedade em geral possam refletir sobre como os museus, mas principalmente, o espaço expositivo pode ser um local de debate para a representação de outras versões da história, tendo como base a exposição em si.

O objetivo geral deste trabalho é entender como o museu é capaz de institucionalizar a história, a partir de uma narrativa que contemple as memórias de um grupo, legitimando uma identidade. Desta forma, os objetivos específicos são: explicar o processo de construção do Memorial da Imigração Judaica, avaliar as expografia tendo como base as exposições em si e identificar os elementos da narrativa.

Sabendo que o Memorial da Imigração Judaica é abrigado pela Sinagoga Kehilat Israel, a mais antiga de São Paulo construída em 1912, a presente pesquisa tem como espaço a ressignificação deste templo que se tornou um memorial destinado a preservar a memória judaica. Logo, a pesquisa foi interpretativa e analítica, de natureza qualitativa, uma vez que foi proposto avaliar e identificar a construção da história judaica no Memorial da Imigração Judaica. A partir deste estudo de caso, foi realizado duas saídas a campo – junho e setembro de 2017, em que foram realizadas visitas guiadas com o diretor do educativo Reuven Faingold. Quanto às fotografias retiradas, foram privilegiados alguns elementos: no subsolo os painéis que compõem o “círculo” em que expõem os judeus no Bom Retiro e no Brasil, excluindo assim os painéis “Eventos e líderes religiosos”, “Dados pessoais”. O primeiro andar, por compor a recepção e ser o local de entrada, foram apenas os elementos que compõem a trajetória da narrativa. No segundo andar, os elementos dos costumes.

O objeto de análise deste estudo será as fotografias das exposições e o seu discurso forjado. Afinal, a fotografia que compõe a exposição e a fotografia da própria

² Museu Histórico da Imigração Japonesa, Círculo Italiano Museu da Imigração Italiana, Memorial da Imigração Polonesa, Memorial Ucrâniano e o Museu da Imigração do Estado de São Paulo.

exposição é uma mensagem, que está diretamente relacionada com a fonte emissora, um canal de propagação e um receptor. Ao analisar uma fotografia é importante levar em consideração o tempo e o espaço, já que é encarada como uma fatia da realidade de um determinado momento, um determinado lugar (MARTINS. 2014). Logo, as imagens foram descritas a partir do que se vê, em seguida a interpretação da sua importância para a comunidade judaica.

Inicialmente, a intenção era traçar um paralelo entre o que está em exposição com o que está no projeto, contudo, os projetos expográficos não estão no memorial, e sim, com os responsáveis pela sua elaboração, a empresa Base 7, que não os disponibilizou para a realização da pesquisa e, com esta lacuna, as exposições foram analisadas seguindo dois métodos: o do Ginzburg (1989) a partir dos índices mínimos que revelam o fenômeno geral e a leitura de imagem do Panofsky (1986) que segue três momentos a saber, o pré – iconográfico – reconhecimento que observador faz do objeto representado; o iconográfico – representação convencional que conduz a uma significação reconhecível e, por fim, a iconológica – descrição significativa, em que demanda conhecimento na cultura, sociedade, filosofia ou mesmo, ideologia.

Para entender o Memorial em questão foi necessário fazer um levantamento bibliográfico a respeito desse lugar de memória e traçar um paralelo entre museu e memorial para melhor compreender a função destes. Como no nome já diz Imigração Judaica, também foi feito levantamento bibliográfico sobre a imigração para o Estado de São Paulo, como se adaptaram, assim, como seus costumes, hábitos, simbolismos.

A partir do exposto, o trabalho foi dividido em três capítulos. Quais sejam:

O primeiro capítulo versa sobre a formação do bairro do Bom Retiro, as transformações que os judeus causaram na região, influenciando na dinâmica do espaço urbano a fim de serem melhores acolhidos. Trato ainda sobre as práticas e produção de sentidos do povo judeu que visavam a afirmação da identidade judaica para além da condição religiosa em outro país de cultura tão diversa, principalmente em um bairro que recebeu outros tantos povos.

O segundo capítulo abordo os conceitos de memória e representação. Procuro traçar as diferenças entre museu e memorial. Para tanto procuro estabelecer a relação do espaço expositivo, exposição e público.

No terceiro e último capítulo, descrevo e analiso as exposições a partir dos conceitos de memória, representação, exposição, fato museal, suporte tecnológicos desenvolvidos no primeiro e segundo capítulos.

Por fim, procura-se neste estudo construir uma interpretação da narrativa do MIMJ ressaltando o uso da tecnologia nas exposições.

CAPÍTULO 1 - O BOM RETIRO E OS JUDEUS

Em 1880 surge o bairro do Bom Retiro, inicialmente haviam chácaras pertencentes a famílias ricas que iam aos fins de semana descansar, até meados de 1875, Bom Retiro era a chácara de um judeu chamando Manfred Meyer³, que a dividiu em loteamentos. Em 1884 ainda pouco habitado já instalava a primeira escola primária, uma fábrica de tecidos - Fábrica Anhaia - e uma cervejaria - Cervejaria Germânia, além da Olaria Manfred. Percebe-se que a sua ocupação se dá ao final do século XIX, com os primeiros europeus - italianos-, porém o bairro também abrigou judeus, turcos, portugueses, espanhóis e brasileiros.

Margeado pelo Rio Tietê, ao lado da São Paulo Railway⁴, em 1860 é inaugurado a Estação da Luz dando origem aos avanços urbanos, estaria este bairro no centro uma rede mundial de comércio⁵ na segunda metade do século XIX, porque era pela Santos - Jundiaí e Estação da Luz que o café era transportado do interior paulista para o porto de Santos, que ia para o mundo. Em 1900 é inaugurado à nova Estação da Luz, o viaduto ligando as ruas José Paulino e Couto de Magalhães, criando condições para que o bairro se desenvolvesse comercialmente, é nesse momento também que judeus se instalaram no bairro, segundo Hilário Dertônio (1971. P.22), entre 1930 e 1947 chegaram a São Paulo 30.000 judeus, que estavam fugindo do Nazismo, antes e durante a Segunda Guerra Mundial, a maioria era germânicos e eslavos, eram ashkenazitas (SILVESTRE. 2007. P.65).

Destaca-se que em São Paulo as levas migratórias mais significativas foram no final do século XIX e início do século XX, mas também nas décadas de 1950-60. A saída foi por motivo de pobreza extrema, perseguições, os *pogrom*⁶ e a ascensão do Gamal Abd Fossem ao Egito. Desembarcavam no Porto de Santos e se dirigiam para capital pela Estação da Luz, indo para o Bom Retiro se juntando aos italianos, iam para

³ Meyer possuía uma olaria, utilizando argila das várzeas dos rios Tamanduateí e Tietê para fabricar telhas e tijolos que eram vendidos para a capital e a região, esta fábrica empregava imigrantes italianos que residiam no Bom Retiro. (Póvoa. 2007. p. 164)

⁴ São Paulo Railway mais conhecida por Estrada de Ferro Inglesa, que passa a se chamar Estrada de Ferro Santos-Jundiaí, inaugurada em 16 de fevereiro de 1867, por obra do Barão e Visconde de Mauá. (SILVESTRE. 2007. P. 64)

⁵ IPHAN; 2005; P. 03. APUD SILVESTRE 2007. P. 64

⁶ Ataque violento seguido de saque e morte que aconteciam em pequenos vilarejos do Leste Europeu - Rússia, Romênia, Polônia e Hungria.

este bairro aqueles que se dedicavam ao comércio varejista e atacado (PÓVOA. 2007. P. 140).

Deste modo, ocuparam as ruas da Graça, Prates, Guarani, Joaquim Murtinho, José Paulino, Corrêa dos Santos (atual Lubovitch) e Três Rios; construíram escolas judaicas, instituições juvenis, associações culturais, sinagogas e comércio concretizando e estabelecendo uma relação entre judeus e o lugar, caracterizando o Bom Retiro como um lugar judaico dentro de São Paulo. Para Carlos Aberto Póvoa (2007; 178-9) a construção destes espaços: sinagogas, lojas ou mesmo no fenótipo dos judeus ortodoxos, são resultado do judeu que age e desenvolve suas próprias ações a fim representar a comunidade judaica em diferentes níveis e o que os insere ao seu lugar, experienciando simultaneamente o processo de construção do seu espaço na produção territorial por meio de um sistema de relações da construção do seu território. Esses lugares tiveram a função de complementar a sua identidade com a sua nova história territorial, que se intensificava à medida que a população e as instituições proporcionam conforto espiritual e material, eram relações que se consolidaram mística, religiosa e socialmente que se materializaram no Bom Retiro. (PÓVOA; 2007; P. 167). No tocante do assunto destaca-se a ideia de José Moura Gonçalves Filho de que a organização de um bairro vai muito além do fator funcional, mas sim, de se modelar em função dos costumes dos que vivem ali:

Reconhecemos, então, a organização social da vida humana não como uma solução exterior e funcional de necessidades apenas econômicas, função estrita da sobrevivência natural, mas, mais profundamente, descobriremos os objetivos e as práticas sociais- que traçam nossa existência- como inteiramente motivados, solicitando do observador, mais além da objetividade, atenção para os suportes efetivos da memória, ordenadores empíricos da vida intersubjetiva, apoios consistentes do campo simbólico em que brincam, trabalham e se encontram os homens. Numa palavra: referências concretas de nossas iniciativas de conservação ou de mudança. (GONÇALVES FILHO; 1988; pág.110)

A partir da ideia de Póvoa e de Gonçalves Filho, os judeus transformam o espaço urbano a fim de se afirmarem como pertencentes àquele lugar, destaca-se outra ideia de Gonçalves Filho sobre as construções em bairros ou cidades que despertam algum tipo de memória:

O fluxo da memória, ao jorrar, vem todo margeado por "pontos onde a significação da vida se concentrou: mudança de casa ou de lugar, morte de um parente, formatura, casamento, empregos, festas". Esses eventos e outros mais vão se apegando aos materiais que os acompanham, vão modelando o sentido íntimo das coisas que durante anos resistiram a nós com sua alteridade e acabaram por tomar algo do que fomos. Ao final, a morfologia da cidade, dos minúsculos objetos aos grandes bairros, foi subjetivamente diferenciada: as experiências, os afetos imanizaram os lugares, demarcando núcleos em torno dos quais vão gravitar as lembranças. (GONÇALVES FILHO; 1988; pág.112)

O território é um espaço geográfico, palco de relações de poder, tanto no âmbito político- econômico - administrativo, quanto na articulação simbólica - construção identitária, utilizado como instrumento de poder de grupos e classes sociais. A partir desta existem duas formas de multiterritorialidade: *Lato Sensu* ou sucessiva e *Stricto Sensu* ou simultânea; a primeira se refere à articulação de territórios em redes que geram aos grupos sociais uma mobilidade física, causando uma hibridação por meio deste deslocamento, este que gera uma experiência e um controle. A segunda são territórios em si híbridos que articulam com outros territórios. (HAESBAERT. 2012. P.34 e 36). Pode-se dizer que produzir cultura híbrida é também construir espaços híbridos liminares ou transfronteiriços, ou seja, territórios múltiplos que sua forma influencia diretamente nas concepções de mundo, assim como na construção de nossas identidades sociais. (CANCLINI. 1998 APUD HAESBAERT. 2012. P.35).

Póvoa (2007. P.179) destaca que na história judaica há o processo de “desterritorialização” urbana, mas não uma “desterritorialidade”, porque as construções são objetos físicos que determina uma realidade social, estabelecendo sentimentos e as ações judaicas que sobreviveram como um entrosamento cultural, determinando uma identidade ao lugar, mesmo que o grupo judaico não ocupe mais o lugar. Há de se ressaltar que a segunda geração de judeus não está maciçamente no bairro do Bom Retiro como antes, os que deixaram o bairro se caracterizavam como profissionais liberais que não queriam continuar com o negócio da família, então foram para bairros nobres por uma questão social, econômica, a fim de corresponder com a posição social e profissional migrando para os bairros de Santa Cecília, Higienópolis, Jardins, Pinheiro e Morumbi (PÓVOA. 2007. P. 173). Pode-se dizer que o fato dessa migração de bairro é

também uma maneira de se legitimarem no Brasil como pessoas proeminentes, afinal, o material já foi conquistado agora é se afirmarem: status.

1.1 A RUA DA GRAÇA E O ESPAÇO JUDAICO

Os primeiros a ocuparem a Rua da Graça foram os portugueses, em seguida os italianos que ficaram até 1940, a partir de então foram os judeus da Europa Central e do sul da Rússia, eram ashkenazitas e falavam o dialeto Iídiche, depois chegaram os judeus do oriente médio e Egito, eram sefaraditas⁷ e falavam o dialeto ladino. Mesmo existindo diferença cultural entre brasileiros e judeus, ou em relação a outros imigrantes, os judeus se adaptaram ao Bom Retiro, segundo Hilário Dertônio, a Rua da Graça é um bom exemplo sobre o hibridismo cultural⁸ e um boa convivência:

Em suma a Rua da Graça é o centro de um verdadeiro caleidoscópio social, cultural e racial. Uma cantina italiana ali serve excelentes massas e uma famosa “charlotte”; num restaurante grego-israelita, especializado em comidas do Mediterrâneo Oriental (carneiro, peixes e mariscos, regados a “uso”, aguardente parecida com o “araque” árabe), ouvem-se curiosos falares gregos, judeus, espanhóis e até franceses (DERTÔNIO, 1971, p.66).

Na rua da Graça esquina com a Correa dos Santos (atual Lubovitch) foi erguida a mais antiga sinagoga do Estado de São Paulo, em 1912, a partir de uma necessidade de ter uma estrutura sólida, a Comunidade Israelita Kehilat Israel foi a entidade que a abrigou. O objetivo era promover as atividades religiosas e beneficentes, além de criar um cemitério para a comunidade judaica⁹. Ela surge a partir de uma mobilização e colaboração mútua de judeus que se uniram para comprar um sobrado em tal rua. A casa foi comprada em 1º de abril de 1912 por um judeu da Bessarábia¹⁰.

⁷ **Ashkenazitas** (*ashkenazim*) Judeus da Europa central e oriental que fala o iídiche.

Sefaraditas (*Sefaradim*) Judeus de origem espanhola, falantes do ladino, que foram abandonando para falar a língua local.

⁸ Hibridismo cultural é um fenômeno sócio - cultural natural e iminente na sociedade, em que estruturas e práticas que existem de forma separada, mas que se unem para gerar novas estruturas de, objetos e práticas.

⁹ História da construção da Sinagoga Kehilat Israel foi retirada do site do Memorial da Imigração Judaica. In: <http://www.memij.org.br/index.php/2017-01-20-18-17-00/iconografia/493-ico-149-sinagoga-kehilat-israel-comunidade-israelita> (acesso em 1º de setembro de 2017)

¹⁰ Bessarábia: Europa oriental, seu território se dividiu entre Moldávia e Ucrânia.

A Sinagoga Kehilat Israel em 23 de fevereiro de 2016 transformou-se em Memorial da Imigração Judaica (MIMJ), visando¹¹ "preservar a memória judaica e apresentar ao público a chegada dos judeus ao país desde o período colonial, durante a presença holandesa no Recife do século XVI, no Império e nos demais períodos da história nacional, incluindo um andar inteiro destinado ao Holocausto." O rabino Toive Weitman¹² destaca que a formação deste memorial é uma forma de agradecer ao Brasil pelo acolhimento em quase 500 anos. O MIMJ foi construído na Sinagoga Kehilat Israel porque os responsáveis pela sinagoga queriam preservar as memórias dos que construíram o templo. Contudo o MIMJ começou a ganhar forma em dezembro de 2012 sob a presença do então prefeito de São Paulo Gilberto Kassab e do Grão- Rabino de Israel Ionáh Metzger com o lançamento da pedra fundamental. O trabalho foi desenvolvido com auxílio dos historiadores do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro e da Base 7 Projetos Culturais, que foi responsável pelo projeto arquitetônico e expográfico. O acervo recolhido a partir de doação de imigrantes e descendentes, em que foram recolhidos documentos, livros, roupas. Os curadores ainda contaram com apoio de grupos de idealistas e patrocinadores, que viabilizaram a reforma e ampliação dos quatro andares e fachada mantendo o original da sinagoga.

Portanto o meu interesse pelo MIMJ, é na ressignificação deste templo se transformando em memorial destinado a preservar a memória judaica a partir daqueles que construíram a Sinagoga e foram agentes de transformação do Bairro do Bom Retiro e do Estado de São Paulo, levando em consideração os judeus que estão no Brasil desde o século XVI, que desde já contribuíram para a construção dos valores e da cultura brasileira. É importante destacar que o Memorial da Imigração Judaica não é a única instituição que conta a trajetória dos imigrantes no Brasil ou que exibem a sua cultura, há também¹³ o Museu Judaico de São Paulo, Museu Judaico do Rio de Janeiro. Em Belo Horizonte o Museu da Inquisição, aborda o período de perseguição no Brasil colonial. Em Recife a primeira sinagoga de 1630, em Curitiba o Museu do Holocausto e em Porto Alegre o Centro Judaico Marc Chagall.

¹¹ Informações coletas no site da instituição - <http://memij.org.br/index.php/historico/o-memorial> (acessado em 20/05/2017)

¹² Reportagem da revista Morasha edição 91. Abril de 2016. <http://www.morasha.com.br/brasil/memorial-da-imigracao-judaica.html> (acessado em 02/06/2017)

¹³ A lista a seguir se deve a uma conversa com Reuven Faingold durante primeira visita ao MIMJ.

Os visitantes que vão ao memorial são filhos dos imigrantes, já incorporados na cultura brasileira, como se dá a experiência deles em verem seus familiares representados? Ou mesmo, os brasileiros não judeus, que desconhecem os costumes do povo judeu, quando adentram ao memorial que tipo de experiência tem? O que criam ou apreendem? Para além do visitante, também é importante destacar que tipo de experiência que os idealizadores do memorial esperam atingir ao público, sabendo que estes também, são filhos dos imigrantes que contribuíram para a construção do Bom Retiro e na manutenção das tradições judaicas.

Incorpora-se assim a indagação feita por Walter Benjamin no ensaio *Experiência e Pobreza* (1994. P.124), “Qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural, se a experiência não mais se vincula a nós?” sabendo que existe uma desordem em relação aos estilos e visões de mundo do passado, que revela onde esses valores culturais podem conduzir quando a experiência é retirada. Contudo, Benjamin, acrescenta que do “nada” é possível criar e construir coisas geniais. A ideia é se abdicar de todas as experiências a fim de demonstrar uma pobreza que lhe auxiliará a fazer algo novo.

Ainda Benjamin, a experiência a partir do conhecimento é articulado com a realidade em que foi produzido e que se reverte em benefício do ser humano. Em relação a experiência comunicável, esta é permeada de questões sobre autoridade, já que difere daquela que é vivência, é resultado de um viver desvinculado de espírito e articulado com o vulgar com aquilo que é eternamente passado. Ao que se refere a desautomatização da experiência está nos é proporcionada pelo modo em que chega até nós nas exposições e se mostra em um perspectiva diferente que nos convida ou obriga a um desempenho corporal que nos prenda para executá-lo porque do contrário, saímos da exposição.

Devido às transformações urbanas das décadas que seguiram¹⁴, a sinagoga passou por reforma, no dia 28 de novembro de 1954 as autoridades da comunidade

¹⁴ Na década de 1950 a cidade de São Paulo passava por transformações urbanas decorrente da economia paulista, que ampliou a capacidade de acumulação nas atividades cafeeiras, agricultura, rede de transporte, o pequeno comércio varejista se transformou em atacado, e principalmente, o surgimento de indústrias mecânicas. Ver artigo: NASCIMENTO ARRUDA, Maria Armanda. Empreendedores culturais imigrantes em São Paulo de 1950. **Tempo social**, v. 17, n. 1, p. 135-158, 2005.

judaica lançaram a pedra fundamental para transformação do prédio, um grupo de judeus compraram as casas da Rua da Graça com a Correa Santos¹⁵.

Para os judeus a construção da Sinagoga¹⁶ e a colocação da Torá¹⁷ no seu interior representa a afirmação da identidade judaica no lugar, concretizou-se a existência de um território judaico (PÓVOA. 2007. P.185), este espaço têm três funções: orações, estudo e encontros comunitários (GOMES. 2011. P. 18). Na tradição Judaica, a Sinagoga, desde a antiguidade, é a principal direção da religião, é um elemento referencial do povo judeu. É importante atentar que após a revolução francesa e a revolução industrial os judeus começam a sair de suas regiões e participar dos fluxos migratórios, fazendo com que se apropriasse então dos costumes da sociedade que o acolheu. Ao assimilarem os valores dessa nova comunidade, iam perdendo os valores judaicos que seriam anacrônicos e incompatíveis com o novo estilo de vida. Assim, se dá a importância da sinagoga¹⁸, são os únicos lugares da prática judaica, é onde o judeu contemporâneo tem contato com os rituais. Deve-se atentar que ficar fora ou dentro da vida judaica é seguir ou não as leis da *cashrut*¹⁹ (AVIGDOR. 2010. P. 145).

Ao longo da história judaica, a sinagoga se transforma, tanto em seu formato quanto ao seu significado. No que se refere à arquitetura, as mudanças, segundo Renée

¹⁵ Em conversa com professor Reuven Faingold me foi contado a história da construção da Sinagoga.

¹⁶ No Bom Retiro foram construídas outras cinco sinagogas, uma congregação e uma cooperativa de crédito (PÓVOA. 2007. P. 186).

B'nei Akiva - Rua Guarani

Israelita Brasileira *Beith Iztchok Elchonon* - Rua Prates

Sociedade Religiosa *Beith Haknesset Adat Ischorum* - Rua Prates

Adas Yereim - Talmud Thorá

Machzikei Adat Joaquim Murtinho

Congregação Israelita Ortodoxa *Kehak Chassidim* - Rua Mamoré

Entidade e Assistência social - Unibes

1916 - Sociedade Brasileira de Beneficência *Ezra*.

1928 - Sociedade Cooperativa de Crédito Popular do Bom Retiro - Este apoiava os recém - chegados.

¹⁷ Rolo de pergaminho/ livro que estão as escrituras religiosas. É a bíblia dos judeus.

¹⁸ No primeiro exílio em 587 a.C, a sinagoga era um lugar para ler as Escrituras. No segundo exílio em 70 d.C a sinagoga passa a ser um espaço de oração, reunião e estudo. Deve-se ressaltar que antes das sinagogas havia templos, no século I a.C, o no Templo de Jerusalém faziam-se oferendas sacrificiais, era um ritual privado pelo sacerdócio. Com a destruição do templo e o surgimento da sinagoga o judaísmo passa a ser uma religião sem sacrifícios, mas sim com ética. Nesse novo edifício (sinagoga) é necessário a participação de todos os fiéis em um ato coletivo, conduzido em torno da Lei. Diferente do templo destruído em 70 d.C, a sinagoga não propõe substituí-lo, mas se torna centro da vida judaica. (DAVIDOVITCH. 1997 *APUD* AVIGDOR. 2010. 113-114)

Na idade média, funcionavam como lugar de reclamações, anúncios legais e comerciais - em qualquer momento os ofícios podiam ser interrompidos para resolver questões pessoais. (IDEM)

¹⁹ Cashrut é a fronteira entre “nós” (judeus) e “eles” (não judeus), o limite da assimilação cultural. (AVIGDOR. 2010.P. 145)

Avigdor (2010; P.115), obedecem ao fluxo do movimento diaspórico, elas assumem características arquitetônicas que estão vigentes nos lugares para onde o povo judeu migra. Quanto aos significados, as Sinagogas no seu interior possuem formas diferenciadas na organização dos cultos religiosos. Essas formas de organização no interior das sinagogas estão de acordo com os preceitos religiosos das comunidades que as dirige. Os rituais nas Sinagogas não permaneceram estáticos, nos séculos XVIII e XIX, o fervor e a emoção nas orações eram enfatizadas, as sinagogas eram espaços abertos, não haviam bancos, mesas, púlpitos ou altar, era um local ideal para manifestações oníricas, danças e cantos, a vodca era essencial nos rituais das correntes místicas (AVIGDOR. 2010. P. 115). Ainda no século XIX o judaísmo se aproximou ao ritual cristão, logo, seu espaço foi reorganizado, separando os assentos dispostos e o espaço de culto elevado por degraus, colocando uma plataforma para que se lesse a Torá, junto com a arca sagrada.

Ressalta-se que desde o século XIX a sinagoga se insere em um contexto mais social, ou seja, como centro comunitário, realizando assim banhos ritualísticos, casamentos, Bar Mitzvah. Tirando assim a sinagoga do isolamento que a prática religiosa havia lhe imposto. (HAYOUN, JARASSÉ; 1999 APUD AVIGDOR, 2010. P. 166-7)

As sinagogas são santuários de Jerusalém, logo, são construídas com seu eixo principal em direção a Jerusalém, bem como os armários que guardam os rolos da Torá também estão em direção a Jerusalém. Esse armário sagrado, com uma parte elevada do salão e o púlpito em que se leem os trechos semanais passam a formar um conjunto estrutural e ocupam a frente, em direção aos fiéis. Os candelabros são cópias da *Menorah*²⁰ do templo que ficam acesos durante os ofícios. As sinagogas reformistas são construções primorosas, mobiliadas de modo formal, inspirados nas igrejas protestantes da Alemanha. No Brasil, algumas sinagogas tem o modelo circular, geralmente são sefaraditas, no centro dos fiéis são lidas as escrituras (AVIGDOR. 2010. P. 115-6).

A demarcação religiosa por meio da construção de uma Sinagoga demonstra o poder da cultura judaica no processo de territorialização do espaço. Por meio dela, eles se colocaram como os legítimos donos do espaço e, de fato, naquele momento estabelece-se no imaginário paulista que o bairro do Bom Retiro é agora um bairro dos

²⁰ Candelabro de sete pontas.

judeus brasileiros, embora o Bom Retiro fosse um bairro também ocupado por tantos outros povos que influenciaram o espaço com outras práticas idiomáticas, religiosas e culturais externas (PÓVOA. 2007. P.181), o fato dos judeus se manterem em comunidade e viverem a realidade judaica (religião e língua) é tornar-se ator das ações comunitárias, admitindo os pontos relevantes e expressivos para a preservação do território e o “ser judeu”.

Sabe-se que apesar de existirem diversos grupos judaicos²¹, os que predominaram no Brasil foram os grupos *Ashkenazim* e *sefaradim*²². Os ashkenazitas falam o iídiche e os sefaraditas, o ladino; esses dialetos foram usados como parâmetro para delimitar a presença judaica, era dita como “língua dos judeus” por aqueles que não eram judeus; os dialetos eram usados em alguns estabelecimentos como escolas, lojas, jornais impressos, bem como nos cotidianos das ruas e determinou como idioma em alguns estabelecimentos (PÓVOA. 2007. P. 180). Em relação à manutenção da identidade judaica, Guertzenstein explica:

A identidade de uma comunidade é representada pela ideologia que gera o intercâmbio entre seus integrantes. Não é a comunicação privada, mas sim a divulgação de músicas, melodias, textos e informações que contribuem para que seus conteúdos se tornem parte do legado cultural coletivo público. (GUERTZENSTEIN. 2013. P. 140)

Benedict Anderson (2008. P. 203) aponta para uma comunidade imaginada pela língua, estão nos livros e canções e, que a partir desta, há uma experiência comum, as pessoas que são totalmente desconhecidas ao pronunciarem os mesmos versos. Ainda Anderson, a língua é o elemento mais enraizado nas sociedades, porque são elas que

²¹ Alguns grupos judaicos que existem são (PÓVOA; 2007; P. 270-271)

Ashkenazitas (*ashkenazim*) Judeus da Europa central e oriental que fala o iídiche.

Sefaraditas (*Sefaradim*) Judeus de origem espanhola, falantes do ladino, que foram abandonando para falar a língua local.

Mizhaim: Judeus de países árabes (Egito, Líbano, Síria e Iraque), assimilaram a liturgia judaica - espanhola, por isso são confundidos com os sefaraditas.

Maaravim: Judeus do Norte da África (Marrocos, Argélia e Tunísia).

Mustarábe: Pequeno grupo de judeus que não saíram de Israel, viviam na cidade de Pekiim, Galiléia superior, entre os árabes drusos.

Teimanitas: Judeus do Iêmen.

Marranos (Cristãos- novos) Descendentes de sefaraditas convertidos à força ao catolicismo na Espanha e Portugal, nos séculos XV e XIX, que no íntimo mantinham os costumes.

²² Os judeus Ashkenazitas e sefaraditas podem ser diferenciados pelo espaço geográfico, costumes religiosos, literatura litúrgica e pelo desenvolvimento de suas comunidades. Os ashkenazitas cumprem as leis contidas nos comentários do texto do *Shulchan Aruch*, redigido pelo Rabino Moses Isserles (1520-1572). Os judeus sefaraditas seguem o compêndio de Leis *Shulchan Aruch* pelo Rabino Iosef Karo (1488 - 1575) ou Beit Iosef.

ligam aos mortos. Já Raffestin (1993. p. 99 *APUD* PÓVOA. 2007) o poder do território reflete na força idiomática e linguística.

Nesta perspectiva, a fusão de religião e língua determina uma identidade mais forte e singular cunhando códigos na comunidade a partir de sua convivência no espaço, gerando diferentes formas em sua comunicação, influenciando no seu poder sobre o território. Percebe-se assim a lógica para sobreviver ao modo de ser judeu, e na manutenção de seu território - um espaço linguístico e religioso (PÓVOA. 2007. P. 180). Mesmo tendo assimilando a cultura brasileira e seguindo o calendário oficial do Brasil, a comunidade judaica não deixa de, também, comemorar a suas datas importantes. Segundo Sorj,

A construção de identidades que se sustentam no tempo depende fundamentalmente da criação de temporalidades próprias, que mantenham e estruturam os mitos, ritos e a memória do grupo, um calendário próprio com suas festas é um dos indicadores de soberania nacional, e um calendário com uma temporalidade alternativa é um claro indicador de um corte cultural, se não civilizatório. (SORJ. 2004. P.62)

Confere-se então que ser judeu²³ é definido pela tradição, ou seja, nascido de mãe judia ou se convertido ao judaísmo, ao passo que a identidade judaica pode ser considerada étnica condicionada aos fatores religiosidade e nacionalidade, este enquanto povo e não Estado (GORESTEIN. 2013. P. 22). Assim, a identidade de uma região constrói e fortalece uma nova comunidade em um novo território tornando-se testemunhas desta dinâmica, inserindo uma cultura a territorialidade comum por meio da judeidade do lugar. Enquanto a identidade religiosa foi o fator comum que uniu e fortaleceu vínculos entre as diversas comunidades judaicas de imigrantes (PÓVOA. 2007. P. 40). Póvoa (2007. P. 32) destaca que a presença dos judeus na América se dá aqui por serem livres para praticar o judaísmo²⁴. Insere-se assim a ideia de Gonçalves filho sobre aqueles que não pertencem ao seu local origem:

²³ O termo judeu se referia aos judaitas: os habitantes do Reino do Sul de Judá, que foram levados ao cativeiro em 586 a.C, e posteriormente denominado aos seguidores da religião judaica e hebreus, por etnia geral. (GORESTEIN. 2013. P. 20)

²⁴ A ideia de fugir para manter-se judeu, as perseguições são desde tempos remotos, de acordo com Guertzenstein (2013. p. 142) a primeira migração em massa foi do Reino de Judá para Babilônia, Pérsia, na destruição do Primeiro templo de Israel no século VI D.C. Para Voolem (2004. *APUD* GOMES. 2011. P. 12) o exílio seria a essência do povo judeu, começando com Abraão da Caldéia à Terra Prometida, o êxodo do Egito, o exílio na Babilônia em 598 A.C, a dispersão do povo judeu da cidade de Jerusalém em

Seres realmente desenraizados só têm dois comportamentos possíveis: ou caem numa inércia de alma quase equivalente à morte ou se lançam numa atividade que tende sempre a desraizar, muitos, muitas vezes por métodos violentíssimos, os que ainda não estejam desraizados ou que estejam só em parte. (GONÇALVES FILHO; 1988; pág.102)

Bernardo Sorj (2004. P. 72) afirma que a diáspora judaica²⁵ foi constituída por diásporas concretas que absorviam elementos culturais locais e desenvolviam interesse e características próprias. Surge a partir de uma elite intelectual que se torna responsável por uma tradição cultural e passa a ser protetora, são formadas por uma estrutura de saber, mesmo sendo uma prática de resistência a cultura dominante, que no seu interior se organizam em torno da desigualdade de saber e poder institucional. Percebe-se então que não são estruturas sociais homogêneas, porque são desiguais em riquezas, distribuição de conhecimento e poder, tendo conflitos ideológicos, sociais e de gênero (SORJ. 2004. P.72).

70 D.C pelos romanos; as migrações antes e depois da guerra, até o retorno ao recém-criado pela ONU Estado de Israel em 1948. . Outro momento importante é no século XVI, em decorrência da Inquisição, originando os judeus marranos - aqueles que se converteram ao cristianismo. Para o Brasil foram sete ondas migratórias:

1º 1624 a 1654: Na conquista Holandesa do Nordeste, e os Judeus da Holanda chegaram na cidade do Recife.

2º 1810: 1ª fase da Imigração organizada e sistemática de Judeus marroquinos ou *maaravim* que foram para a região norte, para Belém. Foi durante o 1º ciclo da borracha.

3º 1855: 2º fase da Imigração marroquina, também para o norte, para Manaus e interior da Amazônia. Uma outra leva foi para o Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Esse foi o período do 2º ciclo da borracha e o desenvolvimento cafeeiro no sudeste.

4º 1889: Maaravitas para o norte, indo para o interior das cidades ribeirinhas. Judeus do Oriente Médio - Palestina - para Rio Janeiro e Santos. Os judeus que fugiam dos Pogroms e pobreza da Europa iniciaram uma organização sistematizada da Europa Oriental para América do Sul, sob a supervisão da JCA²⁴ (*Jewish colonization association*), amparado por Barão Hirsch (1831-1896), e eram destinados ao Uruguai e Argentina, para a trabalharem nas Colônias Agrícolas Moisés Vile, na província de Santa Fé.

5º 1890 - 1925: Segunda onda migratória organizada pela JCA, dos países da Europa Central e do Leste, destinados a Argentina. No início do século XX, os imigrantes foram trazidos para o Brasil com a proposta de maiores ofertas de terra, eram então, destinados às Colônias Agrícolas Quatro Irmão e Phillips, localizadas em Santa Maria, Erechim e Passo Fundo. Havia um acordo entre JCA e governo Gaúcho. A maioria dos judeus eram *ashkenazim*.

6º 1925 a 1945: Em virtude da Guerra e perseguições anti-semita. Eram da Europa Ocidental e Rússia, se destinavam para Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. Os judeus eram *sefaradim* e *ashkenazim*.

7º 1950 - 1957: Judeus *mizrahim*, *mustarâbes* e *teimanitas* do países árabes no Oriente Médio, foram para São Paulo, Rio de Janeiro e Santos. As informações a seguir sobre as ondas migratórias foram retiradas da tese de Povo: **PÓVOA**, Carlos Alberto. A territorialização dos Judeus na cidade de São Paulo SP: A Migração do Bom Retiro ao Morumbi. Tese de doutorado DG/FFLCH/USP São Paulo, 2007.

²⁵ Grosso modo, diáspora significa dispersão de um povo em razão de guerra, preconceitos étnicos, políticos ou religiosos. Para Sorj (2004. P. 70-1) diáspora são todos os grupos que se auto definem como tais, se auto representam e são representadas como unidade, que desconhecem as suas particularidades.

Nelson H. Vieira (2004. P. 95) reconhece que o Brasil tem uma alma diaspórica, porque todos os brasileiros têm contato com várias raças e experiências culturais de migrações, mesmo essas experiências sendo de “segunda mão” a partir dos pais ou avós imigrantes, assim como do contato social de descendentes. O autor defende que mesmo havendo conflito, a diáspora possibilita uma relação de convívio, por meio desses eventos de migrações, encontro e cruzamento de diferentes culturas e raças. Para o autor a diáspora é um paradigma, porque sugere não permanência, movimento, entre cruzamento de fronteiras geográficas, culturais e pessoais, além da preservação de tradições, atrelado com a mistura de culturas.

Destarte percebe-se a importância de estudar a construção da memória no MIMJ a partir da narrativa expositiva, uma vez que ele é o responsável por guardar a memória dos imigrantes que vieram para o Brasil, mas principalmente que viveram no bairro do Bom Retiro, convivendo com diferentes etnias, se inserindo na sociedade brasileira, colaborando com desenvolvimento do país em diferentes âmbitos sem perder a sua identidade de ser judeu.

CAPÍTULO 2 - UM LABORATÓRIO CHAMADO MEMORIAL - REPRESENTAÇÃO E MEMÓRIA.

Museus e memoriais, referentes à história das imigrações, musealizam os processos migratórios construindo uma memória sobre os mesmos, agregam novas perspectivas sobre a imigração, mantém elementos originários que deram identidade aqueles espaços, ao passo que o presente produz novos sentidos para a memória. Logo, o surgimento destes relaciona-se com a necessidade de preservar a memória dos deslocamentos e patrimônio cultural, respeitando as dinâmicas e interesses locais, junto com profissionais, a fim de produzir um discurso expográfico. Insere-se assim a preservação e apresentação das instituintes de memória de um tempo ou processos sociais, que são desterritorializados e reorganizados nesses discursos expositivos, com as perspectivas que o presente possui sobre o passado, influenciam na escolha de elementos da cultura material e as intencionalidades fazem com que as exposições se tornem um espaço em que o presente tem mais importância que o passado (PAIVA, 2014).

A memória nasce de um grupo social por ela consensuada e, esse grupo, determina o que deve ser lembrado e como será lembrado. Os indivíduos se identificam com os acontecimentos públicos de importância para seu grupo, assim, a noção de lugares da memória²⁶, que serviriam para garantir a fixação de lembranças e da sua transmissão. Esses lugares estão impregnados de simbolismo por estarem associados a acontecimentos ou experiências vividas pelos grupos, mesmo que, muitos não tenham participado diretamente de tais eventos. Pierre Nora afirma que, *sem dúvida, para que haja um sentimento de passado é necessário que apareça um 'antes' e um 'depois' para que o presente seja reconduzido e alterado* (1993, p. 19). Segundo Nora, até o início do século XX, história e memória se confundem em virtude da produção historiográfica pautar-se nas lembranças de acontecimentos e personagens, fato que remeteria à memória coletiva. Monumentos e documentos constituem vestígios que estabelecem interação entre memória e história. Pierre Nora (1993) aprofunda as reflexões de Maurice Halbwachs na distinção da memória individual e memória coletiva. Para o sociólogo, a memória coletiva seria natural, espontânea, desinteressada

²⁶ Os lugares de memória são arquivos, museus que aumentaram na proporção em que memória coletiva se esvazia, porque nas sociedades modernas perdeu a capacidade de memorizar, de passar as tradições e costumes a outra geração. (ABREU.1996. P. 37)

e seletiva, que guarda do passado somente o que possa criar um elo entre esse passado e o presente, enquanto a história se constitui num processo interessado, político, portanto, manipulador. Mas não seria possível fazer uma distinção clara entre memória coletiva e memória histórica, pois a memória coletiva passa necessariamente pela memória histórica e é filtrada por ela. Então, para Nora, a memória é a tradição vivida e, a sua atualização no presente é espontânea e afetiva, múltipla e vulnerável e a história se constitui uma operação profana, que demanda análise e explicação, uma representação sistematizada e crítica o passado.

O exercício da memória é fundamental para a vida em sociedade, enquanto o exercício da história é ligado às ações de um corpo de especialistas. A memória integra a vida social e a história a um corpo específico de conhecimentos datados, teóricos, metódico com instrumentos próprios. Todas as sociedades em todos os tempos são permeadas por memória social, e a história é uma construção da sociedade ocidental moderna, proveniente da segmentação dos saberes (NORA.1993; ABREU. 1996).

Halbwachs²⁷ (2006) aponta para a manutenção da paisagem a fim de manter as instituintes da memória partilhada por uma sociedade ou grupo particular, para garantir a identidade - histórica, social, política, étnica e cultural - do grupo de modo que projeta uma estabilidade do corpo social. Acrescenta-se assim a ideia de Gonçalves Filho (1988), para ele o fluxo da memória é agenciado por “pontos de significação”, lugares que concentram eventos que se apegam aos materiais que o acompanha, delimitando “o sentido íntimo das coisas que durante anos resistiram a nós com sua alteridade e acabam por tomar algo do que fomos” (GONÇALVES FILHO, 1988, p.112), assim, a cidade com todos os seus lugares é subjetivamente diferenciado pelas experiências, que demarcam os espaços reservados para fazer lembrar, são monumentos que perpetuam a memória, e estão carregados de historicidade, possui aura simbólica capaz de unir a comunidade a qual pertence. A Sinagoga Kehilat Israel é um exemplo bem palpável, responsável por agregar e representar os signos e os significados da comunidade judaica do bairro do Bom Retiro.

Percebe-se que os memoriais são lugares de representação da memória, em que na maioria estão sob uma narrativa histórica, segundo Roger Chartier (1991), a representação é um trabalho de classificação e de recorte que produz configurações

²⁷ APUD PAIVA. 2014. P. 5

intelectuais nas quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos sociais. Fazendo com que essas práticas – reconhecendo uma identidade social –, exibam, a sua maneira, o mundo, tornando-se um símbolo, elevando-se a um estatuto e uma posição. Assim, as formas institucionalizadas e objetivas em relação a quem seria representante - coletivas ou individuais-, se exibem de modo visível, perpetuando a existência do grupo, comunidade ou classe. Ressalta que a construção das identidades sociais é resultado de uma relação de força entre os que têm o poder de classificar, nomear, definir, aceitar ou resistir de cada comunidade e o que ela produz de si mesma. Contra os que consideram o recorte social como tradução do conceito conferido à representação que cada grupo dá de si mesmo, é a sua capacidade de fazer reconhecer a sua existência a partir de uma demonstração de unidade. Logo, Chartier define representação como:

A representação faz ver uma ausência, o que supõe uma distinção clara entre o que representa e o que é representado; outro modo é a apresentação de uma presença, a representação é o instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente substituindo-lhe uma imagem capaz de repô-lo em memória e de pintá-lo tal como é. Dessas imagens, algumas são totalmente materiais, substituindo ao corpo ausente um objeto que lhe seja semelhante ou não. (CHARTIER, 1991, p.184)

A partir desta pode-se entender a questão das aquisições, porque a seleção dos objetos são efetuadas em função da memória afetiva, dificilmente pela razão, o objetivo é fazer com que o objeto forneça um grande numero de informações concomitantemente com a possibilidade de reviver várias experiências, numa uma única e singular (ABREU;1996)

2.1 – ENTRE MEMORIAL E MUSEU

O estudo da museologia foca na sua finalidade, organização, implementação e integração de certo conjunto de atividades que visam à preservação e uso da herança cultural e natural, de um museu, mas também de outra qualquer instituição²⁸, estuda os objetos museológicos²⁹, a musealidade como qualidade distintiva dos objetos do museu,

²⁸ MENSCH. 1994. P. 13

²⁹ No museu o objeto passa a integrar um novo sistema simbólico, distinto do contexto original de fábrica e uso. (PINTO. 2014. P. 13)

a relação específica entre homem e realidade. Para Maria Cristina Oliveira (2008) o que interessa para a museologia é a implementação de uma cadeia operatória que contemple ações para o gerenciamento da informação, manutenção dos acervos, as múltiplas ressignificações inseridas nos discursos expográfico e a aproximação patrimonial pelos diferentes segmentos da sociedade.

Com relação a exposições, Tereza Cristina Scheiner (2003. P. 4-5) destaca que a museologia busca identificar dentre possibilidades existentes os limites éticos de interpretação da realidade, já que uma coisa é construir novas narrativas a partir de um viés da realidade, e outra é distorcê-la, com a finalidade de influenciar o público. É função da museologia reconhecer o público como emissor de narrativas, intervindo no museu como espaço de experimentação da interpretação. Consequentemente, o desenvolvimento da prática museológica depende desse reconhecimento da pluralidade de relações, que se baseiam na memória afetiva da sociedade e que intervém nos modos e formas pelos quais cada indivíduo ou grupo social percebe o museu.

Ao entramos no museu nos deparamos com coleções expostas de modo a serem compreendidas e amadas, organizadas a fim de fazer com que o visitante compreenda o significado dos objetos, sua relação com o museu, em uma narrativa que se articulam, para dar sentido às salas que serão percorridas. São objetos do passado, que perderam seu referencial de tempo e espaço, que o museu conserva para a posteridade. Entende-se, que “a coleção os faz crescer, protege-os e valoriza-os; é também um meio de afirmação social ou sobrevivência” (GIRAUDY, 2000. P. 21). No caso do MIMJ a maior parte dos elementos da narrativa são plotagem de fotografias, os objetos em si, são referentes aos rituais religiosos, a partir desta viu-se necessário fazer a diferenciação de museu e memorial.

Em 3 de julho de 2001, durante uma conferência geral do ICON realizada em Barcelona foi criado seu 31º comitê o IC - MEMO, são grupos de trabalho que refletem sobre museus e patrimônio, determinam os padrões dos profissionais de museu, compartilham informações científicas, criam parceria com outras organizações além de desenvolverem recomendações para os membros do ICON³⁰. Os objetivos³¹ deste comitê são promover uma memória responsável da história, colaborar com a cultura

³⁰ <http://network.icom.museum/icmemo/about/what-is-ic-memo/> (22/08/2017)

³¹ <http://network.icom.museum/icmemo/about/aims-of-ic-memo/> (22/08/2017)

através da educação e uso do conhecimento a favor da paz. Com relação aos Museus Memoriais

Estas instituições possuem a função de museus com um acervo de objetos históricos originais, que inclui geralmente edifícios, e atuação em todos os campos clássicos de trabalho do museu (coleta, conservação, exibição, pesquisa, e ensino). Sua finalidade é homenagear as vítimas do estado e de determinados crimes, ideologicamente motivados. São frequentemente localizados nos locais históricos originais ou em locais escolhidos pelas vítimas de tais crimes para efeitos de celebração. Estão concebidos como memoriais advertindo visitantes para salvaguardar os direitos humanos básicos. Como estas instituições cooperam com as vítimas e outras testemunhas contemporâneas, seu trabalho também possui um caráter psicossocial. Seus esforços para transmitir informações sobre eventos históricos são moralmente fundamentados e possuem o objetivo de estabelecer uma relação definida para o presente, sem abandonar a perspectiva histórica³².

Para Paul Harvey Williams (2007), memoriais são lugares de memória reservados à lembrar tragédias e memórias traumáticas, sendo assim, estão encarregados de uma interpretação histórica proporcionando um importante papel social. Ainda para Williams, os memoriais ao apresentarem uma nova forma de memorialização, propõem uma sensibilidade e o diálogo com o público, fazendo com que se contraponha aos museus de história. Enquanto, para Jorge Barcellos (1999) as funções de um memorial são: homenagear alguma personalidade artística ou política com objetos pessoais em seu acervo; se constituir como centro cultural que abriga exposições, lugar de atividades musicais e espaço para realização de simpósios universitários³³.

O memorial adquire, comunica e expõe com o objetivo de estudo e educação a partir de testemunhos específicos, entrando no campo ideológico, o memorial atende a interesses específicos de divulgação, conservação, e valorização de uma memória específica de uma instituição também específica. Enquanto sua função deve ser voltada a reorganização da memória de um Estado ou instituição, assim como os museus. Em contrapartida os memoriais não podem ter um acervo diverso dos fins institucionais, mesmo que fosse de interesse geral e da comunidade (BARCELLOS. 1999). Resumindo, memoriais são lugares que preservam a memória de algo/alguém específico para determinados grupos da sociedade.

³² ICOM/ICMEMO (2001, p. 1).

³³ No caso em questão Barcellos utiliza o Memorial da América Latina em São Paulo como exemplo.

É certo afirmar que os museus e memoriais não são almoxarifados de referências patrimoniais e instituições desprovidas de responsabilidades éticas ao que se refere aos processos sociopolíticos - culturais. Bruno (2006) aponta que os museus são espaço de memorização, quanto do esquecimento, mas são voltados para a valorização e preservação da herança patrimonial, que também mostra preconceitos e dogmas sobre as manifestações culturais. Os museus, bem como os memoriais são referências de instituições que administram memória, porque agenciam procedimentos técnicos e científicos para salvaguardar e comunicar, além de conviver com o dever da manutenção das tradições e exploração dos caminhos da ruptura. São locais para multidões e para a fruição individual, são simultaneamente palco e cenário da extroversão, local de guarda e conservação.

Odair da Cruz Paiva (2012) destaca que tradicionalmente cabe aos museus a função de reunião, classificação e ordenamento de elementos materiais e intangíveis, em relação à ação dos sujeitos, comunidades, acontecimentos e instituições. No tocante aos museus de história, estes cumprem a função de manter e preservar instituintes de memória cuja dinâmica do tempo presente relega ao passado e ao esquecimento. Deve ficar claro que não cabe aos museus reviver o passado no discurso expositivo, o que temos é uma percepção do presente sobre o passado. Nesta perspectiva, colocam-se em questão as releituras que fazemos da história, instituídas pelas mudanças operadas no presente, inquietação pertinente aos memoriais porque envolve o envelhecimento do discurso expositivo e a necessidade de sua atualização.

Nos museus, as exposições estão ancoradas nos objetos, sendo eles palavras e documentos, mas que também podem expandir seu significado quando interpretado pelos curadores e público visitante. Enquanto nos memoriais as exposições utilizam os acervos como testemunhos subjetivos, são objetos pessoais dentro de um cenário para melhor contextualização da mensagem. Os objetos nos memoriais estão destinados a recuperar um momento da história coletiva, a fim de representar um evento comum aos pertencentes de tal comunidade. (GUEDES e ISSBERNER, 2017; WILLIAMS, 2007)

Percebe-se que as definições e funções de memorial se assemelham ao de museu, que para o ICON é:

Instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, estudo, expõe e transmite o patrimônio material e imaterial da humanidade e do

seu meio, com fins de estudo, educação e deleite. (ICOM, 2007 apud DESVALLÉES; MAIRESSE, 2013, p. 64)

Para o Art. 1º da Lei 11.904 de 14 de janeiro de 2009, Museus são:

[...] instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. Enquadrar-se-ão nesta Lei as instituições e os processos museológicos voltados para o trabalho com o patrimônio cultural e o território visando ao desenvolvimento cultural e socioeconômico e à participação das comunidades. (BRASIL, 2009, art. 1 e Parágrafo único.)

Deste modo compreenderemos o Memorial da Imigração Judaica como museu memorial. Sandra Paschoal Leite de Camargo Guedes e Gina Esther Issberner (2017) salientam que os memoriais, bem como os museus são de diversos perfis, seja arquitetônico ou administrativo, que quando passam por um processo de musealização aumenta o leque de possibilidade de leitura. Para Williams (2007), os memoriais são instituições de memória que revolucionou a realidade dos museus históricos, porque proporciona novos processos de memorialização, que inclui outras interpretações históricas, crítica da realidade, fazendo com que amplie a função social do museu. Os memoriais articulam a história oficial e a história dos sujeitos, estimulando uma discussão de assunto que envolva a sociedade. Como há semelhanças entre a função de museus e memoriais, o texto do segundo capítulo seguirá tratando de museus.

2.2 - DISCURSO MUSEOLÓGICO E EXPOSIÇÃO

Os museus, segundo Sara Sánches del Olmo (2016) têm o objetivo de persuadir o visitante, tentam convencê-los de que o que é exposto é verdadeiro e importante, para tal constroem argumentos que são impostos no percurso, fazendo com que a experiência do museu possa ser analisada como narrativa. A narrativa torna-se um instrumento empregado para oferecer uma contextualização ou auxiliar a comunicação museal, como juntar fontes, temas e temporalidades heterogêneas (PADIGLIONE, 2016).

Nilson Alves de Moraes (2006) defende que o museu amplifica significados dos processos e sentidos como estratégia na consolidação de identidades ameaçadas, retomada ou forjadas de expectativas sócio relacionais. Insere-se assim a ideia de Scheiner (2003) o museu será o criador de sentidos, e a partir desse constrói o seu discurso na forma de exposição para a sociedade.

Portanto, para que essas estratégias de legitimação do discurso sejam alcançadas, Alves de Moraes (2006) afirma que os museus dependem de dispositivos tecnológicos e informacionais. Para Sánchez del Olmo (2016) os meios de transmissão são meios de constituição, os recursos audiovisuais são elementos essenciais para a construção e validação do discurso exibido nas exposições, afinal, são suportes utilizados como provas de credibilidade e legitimidade da narrativa. Eles reforçam os personagens que narram o discurso, são as testemunhas autorizadas que consolidam a validade do relato. Os profissionais que elaboram as exposições procuram tornar confiável o texto que constroem, porque se baseiam no processo comunicativo no qual o visitante confronta-se com um texto no qual irá se submeter às suas próprias emoções. Por isso, não pode haver dúvidas, todos que entraram nas exposições devem ter certeza que a história ali é comprovada pelos seus testemunhos (BITTENCOURT, 2003). Vicenzo Padiglione (2016) sugere que os museus contem histórias abertas e polifônicas, pois ao contrário, saturam a quantidade de memória para as novas gerações não deixando espaço para que eles possam contar as deles.

Em relação aos objetos, no primeiro andar encontramos uma escultura e três pedras, essas são vistas assim que se entra no Memorial, contudo no primeiro andar, o objetivo é expor a história da Sinagoga Kehilat Israel, assim esses elementos ficaram sem sentido no transcurso da exposição, as obras não dialogam com os outros elementos narrativos.

Deve-se atentar para a falta de contextualização dos objetos, a narrativa conduz o passado cristalizado sem dimensão histórica como se os próprios eixos pudessem explicar o evento. Porém, ao afastar o caráter construtivo da memória, a museografia torna-se arquivística, apoiando-se nos vestígios verdadeiros: processos judiciais e imagens. Evidencia-se então as tensões entre memória e história, os museus, na teoria ficam ao lado da primeira, em um processo de busca de legitimação, a instituição detém

a objetividade da prova. O resultado por um lado é um *boom* de informações que fartam os visitantes e o por outro é coisificação da memória (SÁNCHEZ DEL OLMO, 2016).

No século XVII, José Bittencourt (2003) afirma que os gabinetes de curiosidades substituíram as coleções de antiguidades por uma ordem baseada em hierarquia e disciplina que começavam a predominar sobre as sociedades. Consequentemente, as exposições tornaram-se mais um instrumento de visibilidade em que o controle do espaço físico e do tempo transformou-se em um mecanismo de poder. Museus não são apenas definidos pelo seu acervo, mas também pela relação que a instituição estabelece entre patrimônio cultural e a comunidade (CURY, 2011). Ressalta-se assim a ideia de Scheiner (2006) que o visitante só compreende aquilo que lhe for familiar, ou seja, com aquilo que possam identificar como suas experiências de vida e suas leituras do mundo.

O discurso museológico resulta da interpretação e narrativa especificamente constituída pelos museus, que são elaboradas conforme sua missão (SHEINER, 2006), desta maneira a exposição não só expõe como também “enquadra” a forma de olhar do visitante, porque o objeto museológico, junto aos demais recursos expositivos, é representado de forma a orientar o olhar do visitante, logo, percebe-se que nenhuma exposição é isenta, toda exposição tem uma intenção, isso se dá porque as exposições correspondem a uma interação, aos meios de comunicação e da ação da linguagem que tem a função de produzir efeitos. Para Bittencourt (2003), a compreensão é a principal função do discurso museológico, uma vez que a narrativa expográfica é uma fala produtiva fazendo com que atue sobre os visitantes para contemplá-los.

Para Sánchez del Olmo (2016), o museu é um instrumento privilegiado para explorar os processos de preservação e transmissão da memória, em que a transformação da memória em um discurso museográfico nos revela como esse processo público é carregado de decisões éticas, estéticas e políticas. Analisando os discursos expográfico e textual é possível entender como a instituição torna-se um espaço produtor de uma mensagem definida. Mary Jane Spink (2004) ressalta que a prática discursiva dos museus, são maneiras pelas quais as pessoas por meio da linguagem produzem sentidos e se posicionam em relações sociais cotidianas; enquanto o discurso é o uso institucionalizado da linguagem, quando se fala a partir de formas de fala próprias a certos domínios do saber.

Então os espaços da Sinagoga Kehilat Israel destinados a abrigar as exposições são bons exemplos em como os espaços musealizados se alteram no decorrer da sua vivência porque, a cada etapa, uma nova perspectiva, um novo discurso expositivo sobre certo processo histórico necessita de uma nova seleção da cultura material, iconografia e outros elementos que buscam materializar o passado. Encontra-se assim a atualização cenográfica dos espaços expositivos com a utilização de novas tecnologias que são adequadas às percepções sensoriais para uma nova geração, que são inseridas nos programas educacionais dos museus de visitação escolar, além das novas concepções de restauro da antiga edificação³⁴ (PAIVA. 2012. P. 13).

Nesta perspectiva, Maria Julia Chelini (2012) considera que as tecnologias possibilitam uma forma de interação, indispensáveis para a efetividade da comunicação da exposição levando em consideração que, do ponto de vista da expografia e da comunicação, deve haver um equilíbrio porque essas são suportes do discurso expográfico. Wagensberg (2000. P. 16 *APUD* CHELINI. 2012) destaca para três tipos de interação: a manual, a mental e a cultural. A primeira ocorre ao manipular o objeto, a segunda em traçar o que se vê no museu e no cotidiano, por fim, a cultural em que o visitante se identifica com o que está exposto sendo ele membro da comunidade ou não.

Nesta Perspectiva, não devemos esquecer o conceito de fato museal elaborado por Guarnieri (*APUD* CURY 1990) como sendo a relação Homem e Objeto em um espaço institucionalizado, posto que na exposição que essa relação é potencializada, logo, o fato museal, objeto de estudo da museologia ocorre na exposição, fazendo com que esta se torne unidade de análise da museologia (CURY, 2005). As exposições são o resultado do processo de musealização, parte visual que se manifesta para o público e a possibilidade de uma experiência por meio do patrimônio cultural, além de serem a forma de se apresentar para a sociedade e afirmarem a sua missão institucional, concluindo-se que as exposições são a principal maneira de aproximação entre a sociedade e seu patrimônio cultural. Elas são pensadas e montadas tendo como *start* a experiência prévia do público porque é a partir de sua experiência que o visitante recria a exposição (CURY, 2005).

³⁴ Paiva está se referindo ao Museu da Imigração do Estado de São Paulo, antiga Hospedaria dos Imigrantes que se transformou em museu.

Atenta-se para a ideia de Ulpiano Meneses (1992) que as exposições não são neutras ou naturais, são carregadas de mensagens em uma combinação visual e uma organização de objetos para produzir sentido. O MIMJ utiliza como elementos narrativos fotografias, documentos, esculturas, quadros e os objetos litúrgicos. A maior parte da exposição é composta por plotagens de imagem do cotidiano do bairro do Bom Retiro, fotografias de judeus em diversas situações, documentos pessoais e da sinagoga. Os originais estão no Arquivo Histórico Judaico (AHJ) e no Centro de Estudo e Análise do acervo do Memorial da Imigração Judaica (CEAA). Os objetos originais na exposição do MIMJ são os livros e os objetos utilizados para culto.

O objeto, ao adentrar um espaço museal, transforma-se de um objeto de culto ou utilitário para testemunho do homem e seu ambiente, fonte de exposição e estudo (DESVALLÈS E MAIRESSE *APUD* DOS SANTOS, LOUREIRO. 2012). Para Marília Xavier Cury (*APUD* LOUREIRO. 2012) a musealização é um processo que se inicia com a escolha dos objetos para pertencer ao acervo, passa por pesquisa, conservação, documentação e comunicação. A musealização serve para valorizar o objeto, compreende-se então a ideia de Waldisa Rússio (*APUD* DOS SANTOS, LOUREIRO. 2012) que a musealização é forma de preservação.

Atente-se que musealizar um objeto é um conjunto de práticas que tem como função a transformação do objeto em documento. Para Mário Chagas (*APUD* CURY. 2005. P. 25) a musealização tem caráter seletivo e político, porque possuem subjetividade, unidos a uma intencionalidade de representatividade a partir de valores socioculturais atribuídos.

Ao que se refere aos objetos e fotografias do Memorial da imigração Judaica, por falta de documentação, não foi possível compreender a dinâmica de escolha dos objetos e das fotografias que estão em exposição, ou seja, como foi o processo de musealização dos objetos até a sua fase final a comunicação.

Segundo Shärer (2003 *APUD* Desvallées; Mairesse. 2013. P.42-6) o museu pode ser definido como um lugar de musealização e visualização, então, a exposição é uma visualização explicativa de fatos ausentes pelos objetos. Na definição dos Conceitos-Chaves de Museologia (2013), exposição é o conteúdo e o lugar onde se expõe esse espaço de exposição pode ser encarado como um lugar específico de interações sociais. É a principal ação das instituições museológicas. Mas quando entendida como conjunto

de coisas expostas, ou seja, os objetos (autênticos e réplicas), o material expográfico (vitrines) e textos, a exposição funciona como um sistema de comunicação particular. Nesse sistema os painéis expositivos são as bases, para Florez são:

Estruturador na medida em que mobiliza a visita em uma direção determinada, contextualizando o visitante no ambiente. A forma, material, cor e design variam muito de acordo com o museu e a temática da exposição. Dentro dos painéis se encontram a linguagem escrita e as imagens que apoiam os objetos musealizados. O trabalho do designer é articular dentro de um espaço plano tanto imagens como texto, tentando ser o mais específico e claro possível (FLOREZ, 2010, p. 8).

Assim compreende-se a ideia de Ana Lúcia Siaines de Castro (2009) de que a exposição é um meio de comunicação que envolve objetivos sociais, políticas, culturais, científicas e de entretenimento. A exposição também atua como um sistema de informações, na medida em que a mensagem visa informar determinados temas para públicos de interesses diferentes, a fim de estimular a associação de ideias e conteúdos.

Conclui então com a ideia de Scheiner (2003. P. 4-5) que os discursos resultam de operações midiáticas entre os fatos e as personalidades com as intenções do narrador, visto que a realidade dos fatos se sobrepõe a interpretação narrativa, que recria os fatos a partir de operações ideológicas definidas que visam estimular determinados efeitos emocionais no público. Percebe-se que lugares, fatos, personagens, a memória, os sons e o movimento podem ser reinventados, adaptados, manipulados para tornar efeito de narração. Esta monografia não tem a pretensão de apontar erros e acertos das exposições do MIMJ, mas sim de identificar os elementos da narrativa.

CAPÍTULO 3 - O MEMORIAL DA IMIGRAÇÃO JUDAICA

A Sinagoga Kehilat Israel comporta hoje em seu interior uma grande exposição de documentos e fotografias, os quais tecem uma narrativa para se contar a história do povo judeu. Esses documentos escritos e imagéticos urdem uma trama de significados nos quais é possível visualizar como o povo judeu, em solo brasileiro, constrói práticas sociais para experienciar o cotidiano no bairro do Bom Retiro. A partir desses documentos serão analisadas as fotografias dos espaços expositivos a fim de identificar os elementos da narrativa do Memorial. Para tal, seguirá a metodologia de Panofsky (1986), ou seja, em três momentos: a pré – iconográfica descrição que permite a enumeração dos elementos construtivos da expografia. No segundo momento, iconográfico, o motivo em que aquelas peças estão no espaço expositivo. Por fim, o iconológico, o significado do conteúdo no âmbito teórico – representação, memória e museológico.



FIGURA 1. Fachada atual da Sinagoga Kehilat Israel. Foto: Marina Morais. 2017.

Reconstruída em 1954, a Sinagoga, depois da reforma e construção do MIMJ, manteve a fachada original. Como já apontado por Gonçalves Filho (1988), é possível perceber o fluxo da memória agenciado por "pontos de significação". A fachada pode ser concebida como um lugar que concentra eventos que se apegam aos materiais que o acompanha, ou seja, a experiência judaica na cidade de São Paulo. A fachada estabelece, em um lugar na cidade, a subjetividade do povo judeu ao se colocar como um lugar de memória no qual se inscrevem as experiências. Ela demarca um espaço reservado para que a cidade lembre que ali há um povo, uma história. Ao se fazer lembrar, via esse lugar de memória, compreende-se a importância de se manter a fachada da sinagoga, pois isso é manter o registro da união da comunidade judaica na década de 1950 que se juntou para ampliar o templo.

Uma exposição não deve ter a pretensão de ser síntese sobre o tema ou chamar para si a responsabilidade da materialização do vivido (PAIVA. 2014). Observa-se o plano de circulação do memorial (**Figura 2**), que ocupa quatro andares da Sinagoga, seguindo a lógica: **O QUE CONSTRUÍMOS, ONDE ESTAMOS, O QUE MANTIVEMOS e DE ONDE VIEMOS**, não organizada, seguindo a linha histórica de chegada dos imigrantes até os dias atuais, mas, sim, seguindo a uma ordem de acontecimentos destes já inseridos no Brasil e a manutenção de seus valores e costumes no bairro do Bom Retiro, bem como se tornaram, de alguma forma, proeminentes.

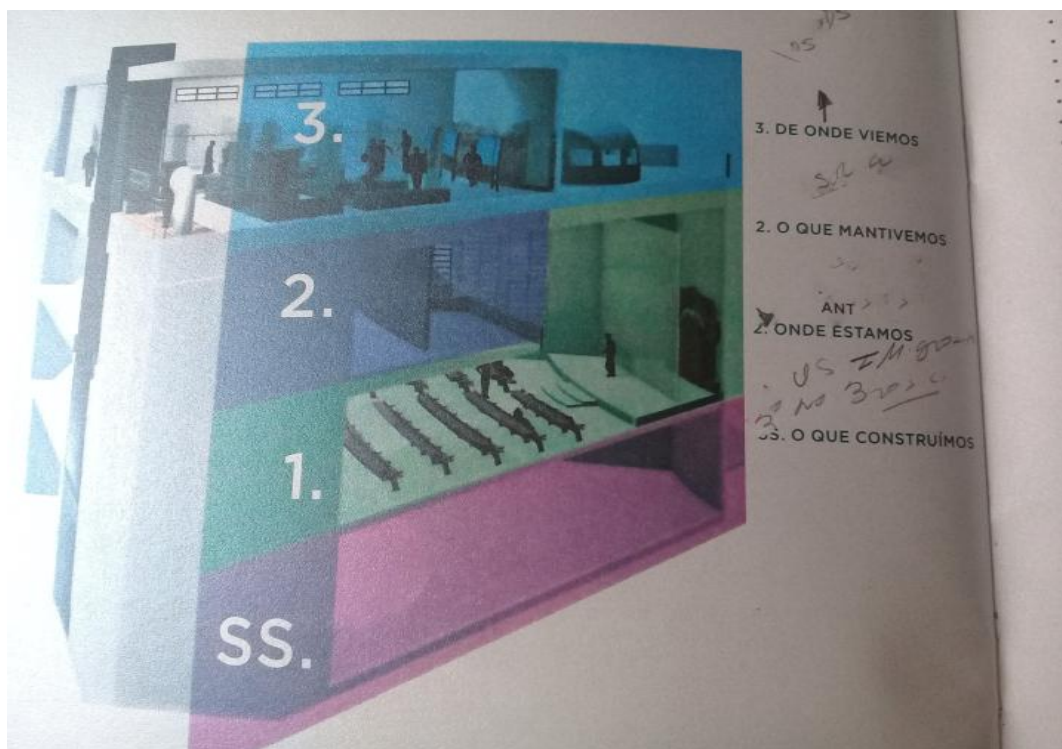


FIGURA 2. Plano de circulação de visita no MIMJ retirada do material educativo. Foto: Marina Morais. 2017

SS. (subsolo) O QUE CONSTRUÍMOS.



FIGURA 3: Visão geral do subsolo. Foto: Marina Moraes.

Ao subsolo do Memorial é destinado expor a história dos judeus no Bom Retiro em quatro painéis com documentos e fotografias, mostrando as principais instituições do bairro do Bom Retiro ainda como bairro judaico, "galeria de personalidades humanas" destinadas a homenagear aquelas personalidades judaicas que contribuíram para o avanço e desenvolvimento do Brasil, a relação dos judeus e os novos moradores do Bom Retiro, os ofícios dos judeus e a relação desses ofícios ao seu sobrenome, além da imprensa. É preciso levar em consideração que o nome do memorial traz com ele o sentido relacionado à imigração judaica, os judeus tiveram muitas vezes que sair por motivos de perseguições religiosas para locais que poderiam exercer o livre culto. Então, o primeiro local de visitação apresenta o momento em que os judeus estavam no Brasil para a sua construção, mas principalmente, em como influenciaram na paisagem do bairro, convivendo com outros grupos, mostrando outra perspectiva, não a da pobreza e trabalho duro, mas o cotidiano, vivência e prosperar no novo lar.

Tornando evidente a construção da imagem judaica pelos judeus no Brasil: um povo trabalhador que prospera e são amistosos, que a sua inserção no Bom Retiro, já com imigrantes, não teve conflitos.

Seguindo o modo circular da esquerda para a direita, temos o painel: **Lazer e Esporte** (figura 4), com seis fotografias de judeus – Coral Hazman, time de basquete, público, e os cartazes das apresentações de teatro, principalmente o TAIB.



FIGURA 4: Paineis sobre Lazer e Esporte. Foto: Marina Morais, 2017.

Trata-se de ações realizadas durante o período em que viveram massivamente no Bom Retiro, e que se envolveram em atividades culturais, ressaltando que criaram sua própria forma de lazer e esporte, dando assim, outro enfoque do povo judeu para além dos costumes religiosos e étnicos, são atividades que inserem os judeus no convívio da sociedade em geral, mas que ao mesmo tempo fechavam-se entre si não convivendo com outros povos, contudo essas instituições foram um ponto de convivência comum entre ashkenazitas e sefaraditas³⁵.

³⁵ Misha Klein. 2004. P. 255

Como aponta Gonçalves filho (1988), no tempo da memória nada pode ser descartado, todo empreendimento foi tentativa, todo projeto desejo, além das recordações trazerem valores e sentimentos do passado.

Seguindo, encontra-se a **Galeria de Personalidades** (figura 5 e 6), apresentados em uma tela em que o visitante ao alcance de um clique escolhe sobre qual persona quer conhecer a história.

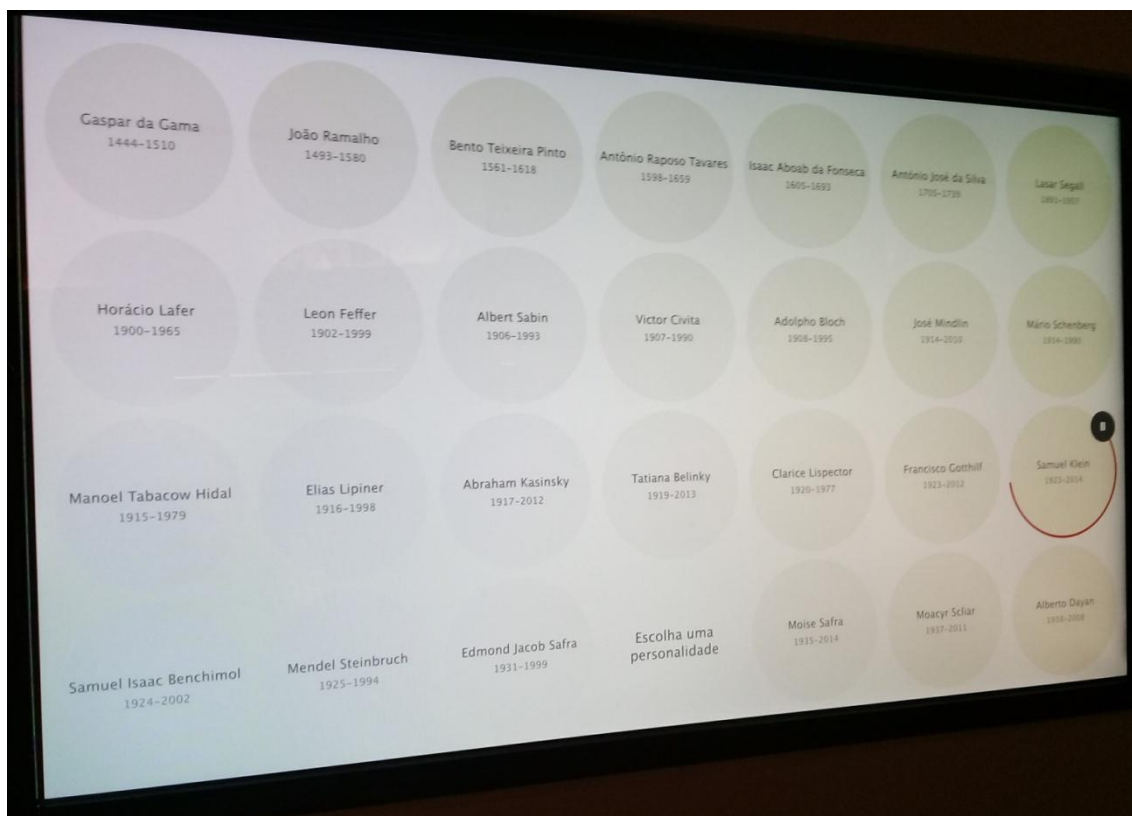


Figura 5: Tela para selecionar o nome. Foto: Marina Morais. 2017



Figura 6: Tela em aparece a história. Foto: screenshot do vídeo de apresentação do Memorial da Imigração Judaica. 2017.

Estão projetadas imagens de imigrantes judeus que foram prósperos em diversos setores, como Lion Feffer (1902-1999), fundador da Suzano papel e celulose, Victor Civita (1907-1990) fundador da Editora Abril, Edmond Jacob Safra (1931- 1999), banqueiro, fundador do Banco Safra.

Deve-se atentar a função de memorial, segundo Barcellos (1999), são lugares de memória com a função de homenagear personalidade artística ou política com objetos pessoais em seu acervo, enquanto para Williams (2007), são lugares destinados a lembrar de tragédias e memórias traumáticas. O MIMJ, nesta seção de homenagear as personalidades, vai de encontro com tais definições, pois a homenagem àqueles que conseguiram dentro da dificuldade de ser imigrante serem proeminentes, se destacaram entre a comunidade judaica como também para a sociedade brasileira de um modo geral.

Contudo, vai de encontro a ideia de Sánches Del Olmo (2016) sobre a legitimação do discurso, pois para exibição das personalidades judaicas são usados os recursos audiovisual, por esses auxiliarem na validação do discurso, esses são usados como suportes de credibilidade e legitimidade da narrativa, reforçando os personagens, que são testemunhas autorizadas na validade do relato. Essa se dá porque os profissionais elaboram as exposições se baseiam em processo comunicativo que o visitante se confronta com um texto que fará se submeter as suas próprias emoções.

Ao centro do espaço expositivo do subsolo- **A comunidade do Bom Retiro**-, está um mapa (**figura 7**), também interativo, do bairro, no qual se pode escolher uma instituição judaica a partir de um toque na tela pequena abaixo tela grande; ao selecionar um lugar de interesse, aparecerá a sua história e a sua localização, como na imagem, em que a Sinagoga Kehilat Israel foi selecionada e imediatamente os dados de sua localização apareceram na tela grande e sua história na pequena.



Figura 7: Mapa interativo, exibindo a localização da Sinagoga Kehilat Israel. Foto: screenshot do vídeo de apresentação do Memorial da Imigração Judaica. 2017.

Deve-se atentar que na década de 1970 os judeus começaram a se mudar de bairro e vão para aqueles que correspondem a sua nova posição social. O Bom Retiro continua como o bairro que acolhe imigrantes, então os que começam a chegar, como os coreanos em grande número, ocupam os antigos lugares dos judeus. Concomitantemente, a ideia de Gonçalves Filho (1988), que as cidades se modelam ao conforto dos habitantes, percebe-se que é importante ter um mapa que exhibe ao visitante as principais instituições judaicas do Bom Retiro, porque era um bairro majoritariamente judaico e que influenciaram na dinâmica da paisagem urbana.

Ressalta-se então a ideia de Póvoa, que a história judaica é marcada pelo processo de “desterritorialização” urbana e não “desterritorialidade”, porque as construções determinam uma realidade social demonstrando sentimentos e ações judaicas que sobreviveram com um entrosamento cultural, estabelecendo uma

identidade ao bairro do Bom Retiro, mesmo que, os grupos judaicos, não o ocupe mais em sua maioria.

Depois temos **O Ofício dos imigrantes (figura 8)** uma “instalação” com desenhos e fotografias que se alternam para exemplificar quais eram esses trabalhos e com registros de alguns desses no Brasil.



Figura 8: “instalação” que intercala fotografia de comerciantes judeus e desenhos representando profissões. Foto: Memorial da Imigração Judaica. 2016

Na instalação há desenhos representando judeus em alguns ofícios como padeiro, alfaiate, escriturário, ferreiro e a ligação desses ofícios com o sobrenome³⁶, como, padeiro é Baker, alfaiate Schneider; Schreiber escriturário, Eisener ferreiro. Além dos desenhos também estão expostas fotografias de empreendedores, entre eles a primeira loja das Casas Bahia, a logomarca do Guaraná Antártica, empresas que hoje são de grande porte e alcance nacional.

Os judeus se instalaram no Bom Retiro por ser próximo a Estação da Luz, terrenos baratos, perto do centro que facilitava para os mascates e pequenos comerciantes, levando, também, em consideração o forte crescimento do mercado urbano em São Paulo, que facilitou a inserção dos judeus como comerciantes, além da

³⁶ <http://www.chabad.org.br/biblioteca/artigos/sobrenomesJudaicos/home.html> (acesso 30/10/17)

experiência pré-migratória e as habilidades econômicas no comércio e oficinas artesanais fundiram-se com a necessidade crescente de um mercado urbano em expansão (TRUZZI. 2001).

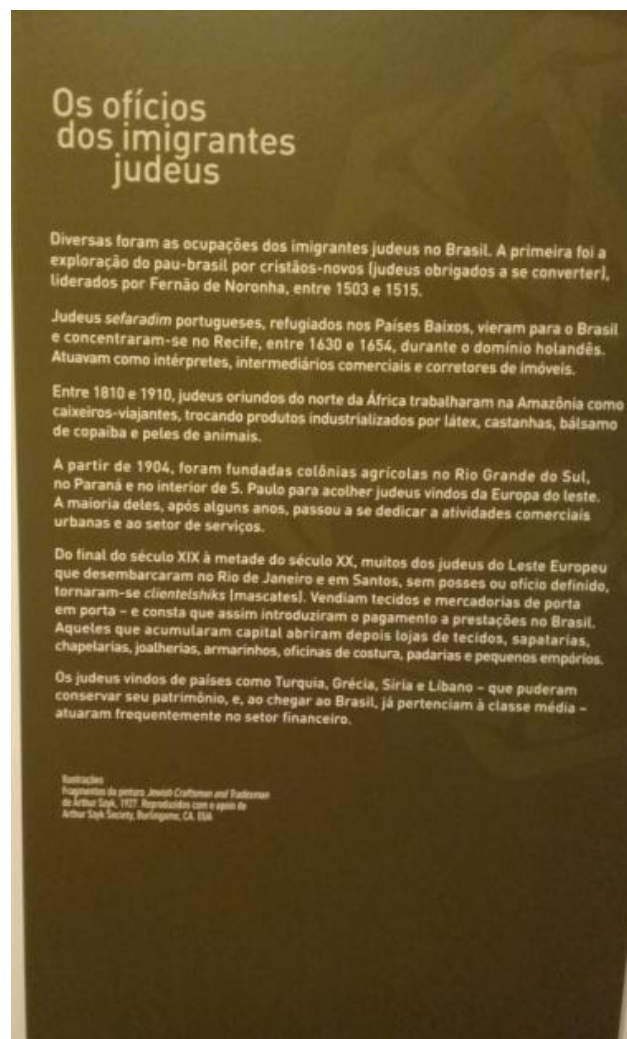


Figura 9: Painel Ofício dos imigrantes. Foto: Marina Moraes. 2017

Conforme painel de explicação (Figura 9) que se localiza ao lado da instalação (figura 8), desde a chegada da esquadra de Cabral, existe a presença judaica no Brasil, entre 1593 e 1515 o ofício era a exploração de Pau-Brasil, comandada por Fernão de Noronha. Os judeus sefaraditas, entre 1630 e 1654, sob a presença holandesa no Recife, trabalharam como intérpretes, intermediários comerciais e corretores de imóveis. A partir de 1904, trabalhavam nas recém-fundadas colônias agrícolas do Rio Grande do Sul, Paraná e interior paulista. No final do século XIX e início do século XX, eram em sua maioria mascates, vendendo tecidos de porta em porta, quando acumularam capitais e abriram uma loja. Os judeus que vinham da Turquia, Síria, Grécia e Líbano e tinham

patrimônio, chegavam ao Brasil já pertencente à classe média, atuando no setor financeiro.

À frente temos a **Imprensa Judaica (Figura 10)**, são capas dos seguintes jornais: Resenha Judaica, Corrente, A Hebraica, A Luz, Brasil Israel e, inclusive um em hebraico, que circulavam em São Paulo, contudo a tiragem era baixa e tinha dificuldade na comercialização³⁷, logo as tiragens foram interrompidas; vale ainda lembrar que na década de 1940, durante o Estado Novo era proibido circulação de material em língua estrangeira. Contudo a imprensa é uma característica importante entre os imigrantes e seus descendentes, pois aproximava acontecimentos em outros locais além de informar as atividades realizadas do grupo na cidade (CÔRREA. 2007. P. 39). Como também aponta Guertzenstein (2013), a identidade de um grupo é representada pela ideologia que gera troca entre seus integrantes, a partir da divulgação de músicas, melodias, textos e informações que contribuem para que seus conteúdos se tornem parte do legado cultural coletivo público.



³⁷ Informação retirada do painel.



Figura 10: Capas de jornais judaicos. Fotos: Marina Moraes. 2017.

Fechando esse círculo, temos o painel **Bom Retiro, Protótipo do Brasil acolhedor (Figura 11)** com fotografias de judeus e coreanos convivendo no Bom Retiro. Ressalta-se que o bairro desde a sua formação recebeu imigrantes, portugueses, italianos, e judeus, a fala Mauro, protagonista do filme “O ano em meus pais saíram de férias”, ressalta bem diversidade étnica e cultura do bairro e sua convivência: “*o Schlomo é judeu polonês, o Ítalo é italiano, a Irene é grega e o namorado dela... bom, este deve ser neto de africano*”.



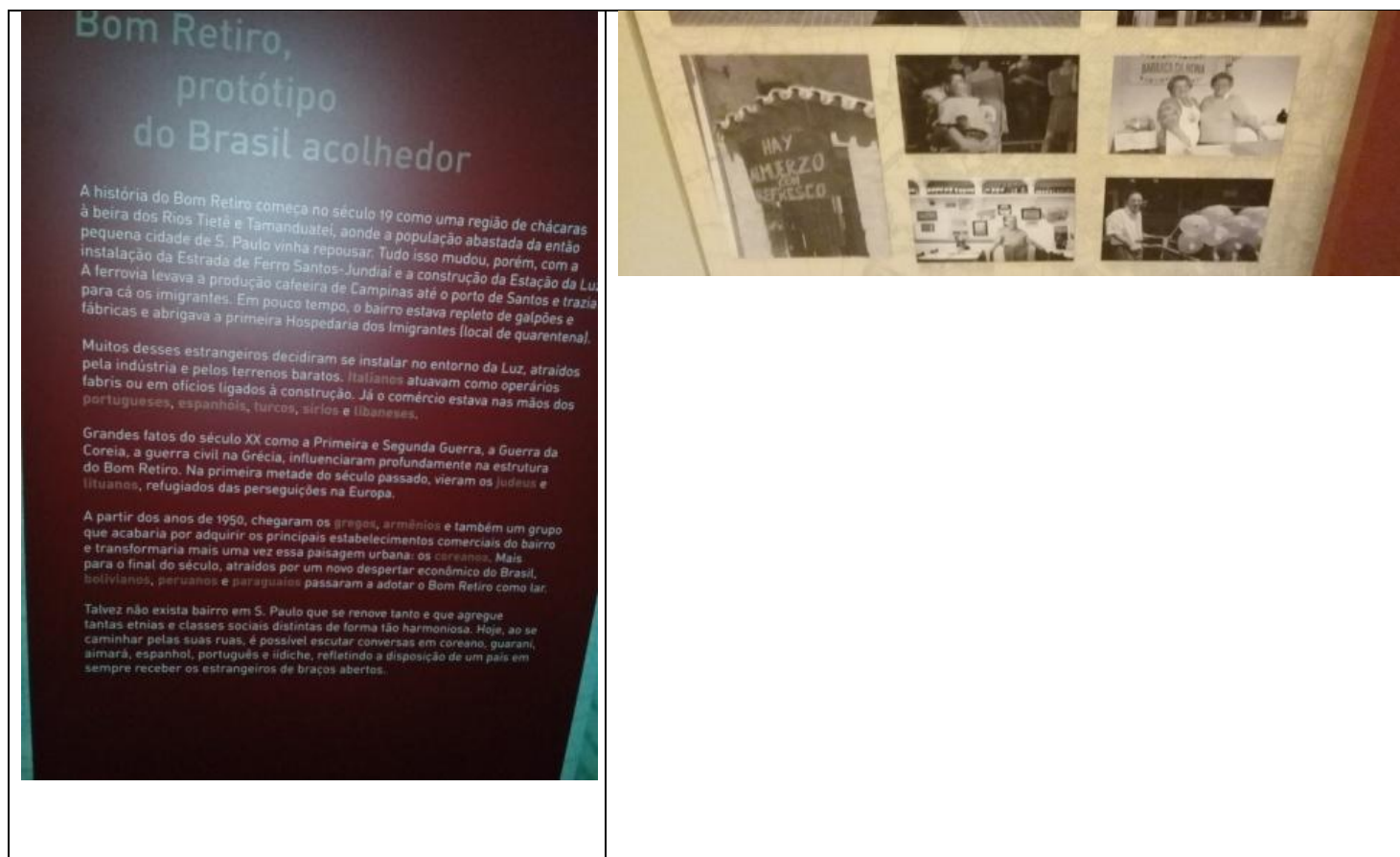


Figura 11: módulo Bom Retiro, protótipo do Brasil acolhedor. Marina Morais. 2017.

O painel da figura dez não faz distinção sobre as pessoas fotografadas, ou seja, não têm na sua legenda os nomes individuais, eles retratam de uma maneira genérica, a relação amistosa entre as diferentes etnias que conviviam e coabitavam o Bom Retiro, contudo, priorizam a relação entre judeus e coreanos. O painel explicativo ressalta que o Bom Retiro é um lugar que agrega várias etnias e que esses se relacionam bem.

O convívio dos judeus com os italianos, por exemplo, era bom, se dava por relação comercial, vizinhança, entre as crianças, além de haver muitos judeus de origem italiana. Em contrapartida, com os coreanos a relação é quase na sua totalidade comercial, até porque a partir da década de 1970 a urbanização do bairro se intensifica, tornando-o mais comercial que residencial, logo, quase não existindo relação de vizinhança e, os espaços de lazer ou sociabilidade tornaram-se mais exclusivos, privados ao âmbito familiar, grupos definidos organizados em clube, associações, igrejas e escolas (TRUZZI. 2011), ressaltando, ainda, que não existe em sua origem, coreano judeu.

Seguindo a ideia de Haesbaert (2012), o território geográfico é fruto da relação de poder no âmbito administrativo e simbólico, usado como plataforma de poder a grupos e classes sociais. As formas de territorialidade são: sucessiva ou simultânea; a primeira, quando os grupos se mobilizam para bairros causando uma mistura nesses deslocamentos. A segunda, os territórios por si só híbridos que convivem com outros. O Bom Retiro é um bairro que recebeu muitos imigrantes, fazendo com que sua população convivesse diferentes grupos étnicos, além de estar inserida em São Paulo, que é uma região ainda muito visada para se imigrar.

1º andar - ONDE ESTAMOS.

No primeiro andar encontra-se a representação do sofrimento e da religiosidade, e vemos a escultura **Pomba de Noé com ramo de oliveira no bico** (Figura 12) do artista israelense-brasileiro Gershon Knispel, essa escultura tem janelas pintadas com diferentes intensidades em que quanto mais forte a cor, maior a perseguição e, representam países em que judeus foram perseguidos.

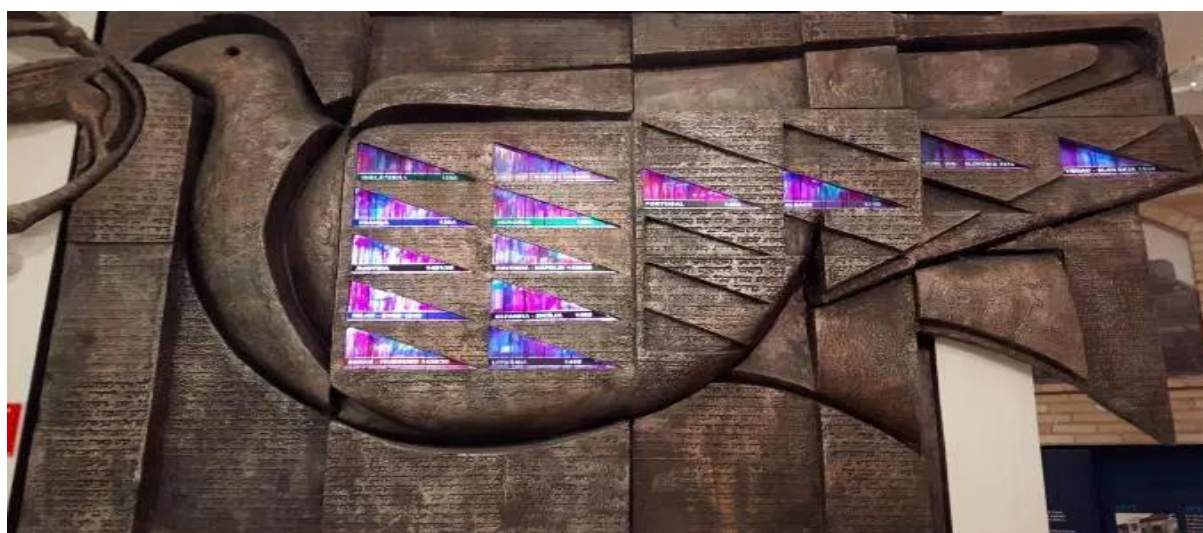


Figura 12: Pomba de Noé com ramo de oliveira no bico. Foto: Marina Morais, 2017.

No livro de Genesis 7 – 7-12 Noé, durante o dilúvio, solta a pomba para saber se há terra, quando esta volta com o ramo de oliveira significou esperança de terra seca. Deve-se levar em consideração que a história judaica é marcada por perseguições, levando-os a imigrarem para poderem praticar o livre culto. Então uma escultura de

pomba com oliveira no bico e os países que os judeus foram perseguidos “significa procurar” um lugar para desembarcar e refazer a vida, uma “terra firme”.

Anderson (2008), afirma que para ter narrativa, as mortes devem ser lembradas ou esquecidas como pertencente aquele grupo, aquela nação. Alinhando-se a Pollak (1989) que a memória é uma operação coletiva dos acontecimentos e interpretações do passado que quer salvaguardar, integrar, definindo e reforçar sentimentos de fronteiras sociais entre coletividades – nações. Logo, a ideia de representar em uma escultura os países em que foram perseguidos auxilia na manutenção da união dos judeus que foram para o Bom Retiro fugindo dessas perseguições.

Embaixo dessa escultura temos as **Pedras (Figura 13)**, são pedras do Gueto de Segóvia, Gueto de Varsóvia e Muro de Berlim com a frase *Pois a pedra do Muro Clamará*, as duas primeiras pedras representam as perseguições (inquisição e nazismo) a segunda o sofrimento do povo judeu que viviam no bloco comunista.



Figura 13: As pedras – Gueto de Segóvia, Gueto de Varsóvia e Muro de Berlim. Foto: Marina Moraes. 2017.

Afinal, existiram momentos que os judeus tiveram que viver isolados do convívio da sociedade. São pedras que representam os muros de uma “prisão” dentro das cidades europeias, em momento de extrema perseguição. Por mais que estas estejam embaixo da escultura que representa os países que foram perseguidos, ficam

descontextualizados com o que se apresenta como narrativa do primeiro andar. Como sugerido no plano de circulação – onde estamos – primeiro andar em que se encontra a recepção e a sinagoga, junto com os documentos referentes à construção e ampliação e linha do tempo dos principais eventos que ocorrem no templo.

Destaca-se assim a ideia de Chartier (1991) a representação é perturbada pela fraqueza da imaginação por considerar os signos visíveis como a realidade de algo que não é, logo, essas peças que representam o sofrimento judeu nesses três períodos vem para construir respeito e submissão, que força ao visitante uma compreensão. Une-se a afirmação de Gonçalves Filho (1988), os objetos isentos aguardam a passagem indiscriminada dos visitantes, que sem uma explicação prévia impede de diferenciar e personalizar a decoração. O visitante só tem essas informações em visita guiada, em caso de visita espontânea as informações se limitam as fichas técnicas que informam de modo sucinto o significado do painel e da escultura.

Seguindo, no primeiro andar fica a recepção e a sinagoga, utilizada como "sala de imersão" (**figura 14**) destinada à assistência de filmes e explicações/ palestras. O espaço também é utilizado para cerimônias religiosas.



FIGURA 14. Espaço da sinagoga. Foto: Marina Moraes. 2017.

Lembrando a ideia de Avigdor (2010), as sinagogas são santuários de Jerusalém, logo, guardam os rolos da Torá. Este armário sagrado, com uma parte elevada do salão e o púlpito em que se leem os trechos semanais passam a formar um conjunto estrutural e ocupam a frente, em direção aos fiéis.

Encontramos documentos (**Figura 15**) referentes à construção e reforma.

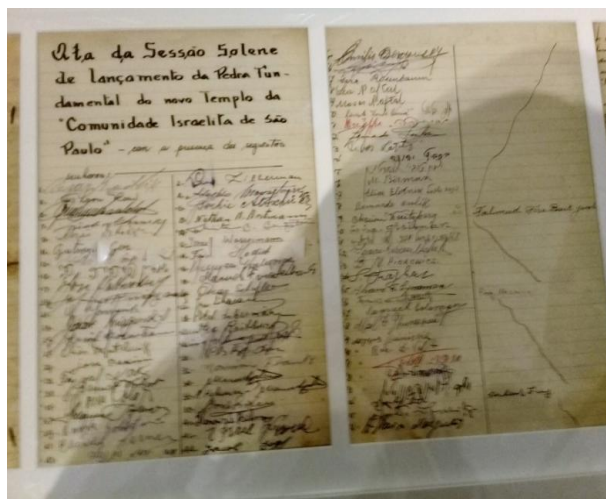
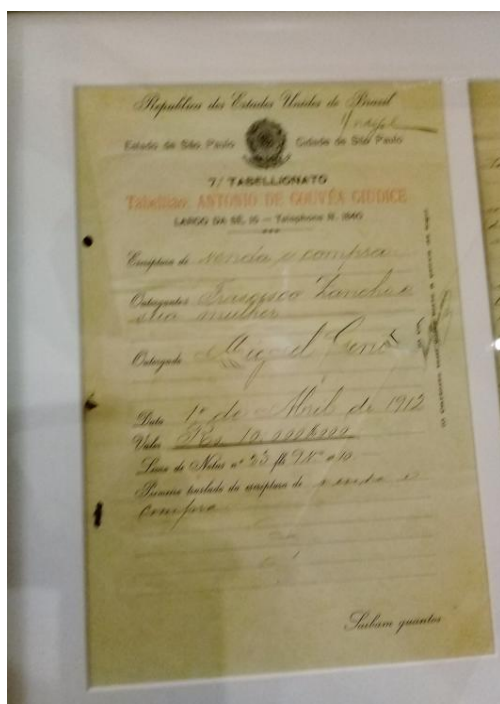


FIGURA 15. Documentos em exposição/ Documento do tabelião da primeira compra da casa em 1912/ Lista de nomes da comunidade Judaica que assinaram a ata da Sessão solene. Foto: Marina Moraes. 2017

[illegible]



Figura 16. Linha do tempo da Sinagoga Kehilat Israel. Foto: Marina Morais. 2017.

A linha do tempo inicia em 1912 com construção da sinagoga Kehilat Israel; 1954, ano do lançamento da pedra fundamental do novo edifício da sinagoga; 1977, ano da comemoração do 65º aniversário da sinagoga; 2000, ano da visita do presidente da Romênia; 2002, ano dos festejos dos 90 anos da sinagoga; 2003, ano do bar mitzvá de Márcio Kardpnsky e David Pintchavisk³⁸; terminando em 2012 com o centenário da sinagoga e o lançamento da pedra fundamental da reforma do prédio.

Como já havia destacado Póvoa (2007), a Sinagoga é a demarcação religiosa estabelecendo o poder cultural no processo de territorialização. Como demarca Anderson (2008) as biografias das nações não possuem um criador original que podem ser escritas de maneira linear, porque estão relacionadas com as mudanças na consciência, com amnésias típicas em circunstâncias históricas que fazem nascer as narrativas. O que é ressaltado na linha do tempo é a construção e reforma da Sinagoga como também os *bar mitzvá* de meninos que foram importantes para a comunidade judaica, mas também a doação e colocação da torá. Seguindo a ideia de Gonçalves Filho (1988), a memória gera lembranças se apoia na efetividade de acontecimentos, sendo eles pequenos ou grandes e, é no impacto que fazem com que os visitantes se engajam nestes acontecimentos.

Ao subir a escada do primeiro para o segundo andar temos **As línguas faladas pelos imigrantes judeus (Figura 17)**, onde são projetadas palavras em hebraico,

³⁸ Márcio Kardpnsky e David Pintchavisk são pessoas ligadas a Sinagoga Kehilat Israel.

Iídiche e ladino, é um módulo destinado a representar as línguas faladas pelos judeus, no caso, do iídiche e ladino são dialetos que os distinguem quanto ao grupo religioso que pertencem.

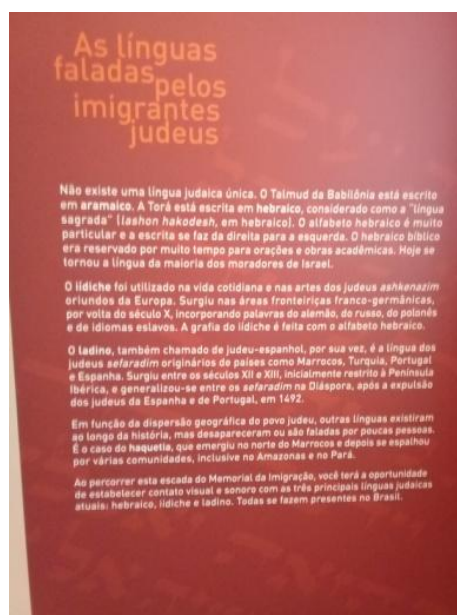


Figura 17: Painel de explicação do módulo. Foto: Marina Morais. 2017.

Os ashkenazitas falam o iídiche e os sefaraditas, o ladino, dialetos que foram utilizados para delimitar a presença judaica, salientando que os judeus nunca tiveram um território seu e a língua é o elo que une esse grupo, ideia apontada por Raffestin (1993), o poder territorial reflete na força idiomática e linguística. Associando-se a Anderson (2008), a língua é o elemento enraizado nas sociedades já que são estas que ligam aos mortos.

2º andar – O QUE MANTIVEMOS.

No segundo andar, encontra-se o valor da família e seus laços, a construção do que deve ser família e a importância de manter as tradições.

A sala intitulada **As muitas faces dos imigrantes judeus (Figura 18)** com três paredes cobertas de fotografias dos imigrantes nas mais diferentes situações, a maioria estão em família. Algumas conhecidas na sociedade brasileira pelos proeminentes feitos (prosperaram no Brasil), família Klein, Stern. Há também o time de futebol judaico.



Figura 18: As faces dos Imigrantes. Foto: Marina Morais. 2017.

Colocar fotografias de judeus de diferentes grupos religiosos e nacionalidades sugere uma imagem homogênea sobre a identidade judaica no Brasil, essa construção emerge como algo dado, natural e não uma construção forjada. Para Gonçalves Filho (1988) as memórias, mesmo que tênues, são decisivas para o firmamento da cultura de um povo porque evoca “o que somos”, mesmo sendo vulneráveis.



FIGURA 19: Visão geral da exposição do segundo andar. Foto: Nilton Fukuda. 2016.

No primeiro plano (Figura 19) encontra-se um totem com explicações sobre a utilização de alguns objetos litúrgicos (Figura 20) que se localizam atrás do totem. O totem acompanha a estante onde estão os **Objetos Judaicos**, como a *shofar*³⁹, castiçais, livros. Esses objetos estão fora do seu referencial de uso e o visitante ao toque da tela no totem tem explicações sobre a judaica⁴⁰.

³⁹ Instrumento de sopro feito com chifre de animal, exceto vaca e touro.

⁴⁰ Nome dado aos objetos da liturgia judaica.



Figura 20: Objetos judaicos. Foto: Marina Morais. 2017.

Por mais que o segundo andar seja destinado a falar sobre as tradições e costumes da religião judaica, os artefatos pertencentes aos judeus que hoje ocupam as estantes do MIMJ são admirados como exemplares descontextualizados em certa medida, perdem a capacidade de dar indícios sobre seu lugar social, de origem, quem eram seus proprietários, transformando-os em objetos de decoração, ficando cada vez mais longe de se transformar em cultura material (GINZBURG. 1989; PERSEZ. 1993).

Em segundo plano, **Comida de Festas** é representado por uma mesa (figura 21) onde são projetadas as comidas típicas de ashkenazitas e sefaraditas em três festas: *Shabat*⁴¹, *Rosh Hashaná*⁴², *Passach*⁴³. Ao redor da mesa está o calendário judaico⁴⁴ (Os meses são: *Nissan*, *Lyar*, *Sivan*, *Tamuz*, *Av*, *Elul*, *Tishrei*, *Cheshvan*, *Kislev*, *Tevet*, *Shevat*, *Adar I* e *Adar II*.)

⁴¹ O *Shabat* é a comemoração do descanso de D'us, não pode trabalhar a partir do pôr do sol da sexta até o pôr do sol do sábado, assim dura quase 25 horas fazendo três refeições: na noite de sexta, almoço e no final da tarde antes do pôr do sol.

⁴² O *Rosh Hashaná* é o ano novo judaico, evita-se comer amargo, azedo ou ácido. Dizem uma bênção e mergulham a maçã.

⁴³ Na *Passach* comemora-se o êxodo do Egito, sobre a mesa, a bandeja - *keará* - fica três pães ázimos que representam as linhagens judaicas: Cohen, Levi e Israel. Ao lado direito: um pedaço de osso de carneiro para lembrar o cordeiro pascal que era assado no templo de Jerusalém. À esquerda um ovo cozido que remete a força do povo hebreu. Usa-se erva amarga para aludir os sofrimentos no Egito, e mergulham-se as verduras em águas salgadas para lembrar o mar e as lágrimas. Durante a refeição são bebidos quatro taças de vinho, a quinta é dedicada para o profeta Eliyahu.

⁴⁴ Em relação ao calendário judaico este é mais antigo que o gregoriano, os meses seguem as fases da lua, mas também consideram as estações do ano.



Figura 21: Mesa com projeção das comidas de festa e calendário judaico. Foto: Marina Morais. 2017.

Póvoa (2013) afirma que ashkenazitas e sefaraditas são os grupos étnicos com a responsabilidade de fazer sobreviver o judaísmo no mundo ocidental, essa ideia se associa a ideia de Sorj (2004) que a construção de uma identidade se mantém quando possuem temporalidades próprias, as festas são indicadores de soberania nacional e os calendários alternativos de um corte cultural e civilizatório. Afinal, os judeus já estão imersos a cultura brasileira seguindo o calendário oficial do Brasil, bem como as datas importantes.

Em seguida um painel (Figura 22) sobre o **Ciclo da Vida** em quatro etapas essenciais: nascimento, maioridade, casamento e falecimento.



Figura 22: Sobre Ciclo da Vida. Foto: Marina Morais. 2017.

Expor sobre o ciclo da vida é assunto que desperta o interesse de toda a humanidade que vai além das questões sociais, econômicas, raciais e religiosas, abordar esse tema na exposição é divulgar aspectos da prática religiosa. O nascimento significa o início da missão na terra, *Bar Mitsvá*⁴⁵ (meninos) *Bat Mitsvá* (meninas) a maioridade - a responsabilidade do jovem pelos seus atos e pelo cumprimento dos mandamentos da *Torá* representado pela foto do menino segurando os rolos da *Torá*, em que ao toque se tem explicação sobre o ritual.

O casamento⁴⁶, sob um dossel nupcial, representa a proteção divina ao lar que o casal irá estabelecer. Na exposição foi montada uma *Chupá*⁴⁷ com a foto do casal em tamanho natural, embaixo há uma taça interativa em que o visitante simula a quebra e escuta-se *mazeltov*⁴⁸, ao lado estão alguns contratos de casamento, são as *ketubá*, contrato matrimonial que comprova legalmente o casamento e especifica as responsabilidades do marido sobre a esposa. Na exposição, o casamento está representado pela foto do casal, com a *chupá*, os *ketubá* e a projeção do vídeo de uma cerimônia de acordo com a tradição.

No falecimento, o corpo morre, mas a alma continua viva no Mundo da Verdade próximo ao criador; as funerárias - *Chevra Kadisha* - purificam o corpo antes do

⁴⁵ É a maioridade religiosa, 13 anos para os meninos e 12 anos para as meninas. Para o menino significa que ele tem as mesmas obrigações religiosas que um adulto, tornando-se responsável pelos seus atos e transgressões. O ritual acontece na segunda ou quinta-feira mais próxima ao aniversário no calendário judaico, em que o jovem coloca o *tefilín* pela primeira vez na sinagoga. A partir deste momento já pode fazer parte do *minian* necessário para a realização de uma reza comum. No *Shabat* do *Bar Mitsvá*, o jovem lê a *Torá* e conduzir a reza diante de toda a comunidade. Na reza da manhã, se lê parte ou toda a *Perashá* da semana. Normalmente os pais organizam uma *Seudá* em que o jovem faz um discurso para mostrar a sua sensibilidade em entender os comentários dos textos tradicionais, vale lembrar que o modo de celebração segue a critério da família. In: leis, costumes e tradição <http://www.morasha.com.br/leis-costumes-e-tradicoes/bar-mitzva.html#q=casamento> (acesso: 30/10/2017)

⁴⁶ O casamento é a união de duas metades de almas que foram separadas ao chegarem a terra, para o judaísmo o casamento não é uma instituição criada pelos homens, mas um mandamento divino. O *kidushin* a cerimônia do casamento judaico começa com a bênção sobre um copo de vinho, para agradecer e louvar, os noivos bebem o vinho, todas as bênçãos durante o casamento são feitas sobre o vinho porque simboliza a vida. O noivo diante de duas testemunhas coloca uma aliança de ouro no dedo indicador da noiva, que efetiva o vínculo entre os dois, o noivo pronuncia em hebraico “Com este anel te consagro a mim, conforme a lei de Moisés e de Israel”. Depois é feita a leitura da *ketubá*, conforme os hábitos de cada comunidade. Em seguinte, acontece o *nissuin*, quando é recitado as sete bênçãos sobre um cálice de vinho. Por fim, se quebra uma taça enrolada em um pano, e os convidados falam *mazaltov*, esse ato, dependendo da comunidade, recorda a destruição do Templo de Israel ou bom augúrio. Informações retiradas de: leis e costumes do casamento. In: <http://www.morasha.com.br/leis-costumes-e-tradicoes/o-casamento.html#q=casamento> (acesso: 30/10/2017)

⁴⁷ Tenda em que é realizado o casamento.

⁴⁸ Boa sorte.

sepultamento⁴⁹. Assim como o nascimento, a morte está representada no painel Ciclo da Vida, sem fotografias.

Avigdor (2010) destaca que os judeus ao assimilarem os valores da comunidade em que está inserida, perderiam os valores que seriam anacrônicos e incompatíveis com o novo estilo de vida, destaca-se essa ideia porque esta parte da exposição trabalha as práticas religiosas que ainda são presentes na cultura judaica. Como afirma Pollak (1989), a memória de um grupo sobrevive ao desaparecimento porque se tornam mito, porque não podem mais ser ancoradas à realidade política do momento, então, se ancoram nas referências culturais, literárias ou religiosas. Afinal, a tradição é na prática a expressão das pressões dominantes e hegemônicas, são seletivas para modelar um presente em função do passado, definindo e identificando social e culturalmente, em síntese, é expor uma versão de passado que se conecte ao presente para retifica-lo (CHERMONT. 2013).

Fotografias, objetos, textos, mapas, documentos, painéis são alguns dos artifícios que o Memorial da Imigração Judaica utiliza para contar aos visitantes a histórias dos imigrantes judeus que ajudaram a construir o Brasil e que se mobilizaram para demarcar em solo paulista sua identidade, além de exaltar as suas tradições que ainda hoje são produzidas. As exposições não são apenas recorte de uma realidade, são um discurso que se constrói com caráter seletivo e político, em que atribui valores culturais, ideológicos, econômicos e religiosos (CHAGAS. 2000).

A representação, para Chartier (1991), é um instrumento que repõe a memória àquilo que não existe mais, é resultado do trabalho de classificação e recorte, em que a realidade é contraditoriamente construída pelos grupos sociais, fazendo com que se reconheçam a uma identidade social e exibem ao mundo a sua maneira, elevando-se a um estatuto e uma posição. O MIMJ, por sua vez, auxilia na perpetuação da existência da comunidade judaica do Bom Retiro e o discurso construído é da afirmação deste grupo como proeminentes e influenciadores na dinâmica social, cultural e econômica brasileira. Ao representarem seus costumes, como a mesa de festas e o casamento, traçam uma diferença entre os costumes brasileiros, fazendo que se reconheçam como membro daquela comunidade judaica.

⁴⁹ Informações retiradas do painel Ciclo da Vida.

As fotografias, para André Bazin (1991) são um instrumento usado para “combater” o esquecimento e aniquilação, elas conservam uma existência da memória, traçando uma história. Quando o subsolo inicia exibindo as formas de lazer, os lugares judaicos no bairro são para marcar que houve um tempo em que os judeus tiveram seu espaço e que nele vivenciava uma vida judaica, um tanto recluso e pertencente ao grupo. Mas também, as fotografias vêm para determinar os valores da família judaica, no segundo andar, em que exibe “As faces dos imigrantes” em sua maioria sendo retratos de família, ao passo que revela uma presença afetiva, como destaca Bazin (1991). Na exposição dentro da Sinagoga é perceptível um número significativo de fotografias de famílias, estas fotografias expõem à comunidade judaica um modo de vida e que deve ser mantido. Percebe-se que a utilização das fotografias nas exposições dentro da Sinagoga vem para “pintar” na memória um dos judeus um passado que no presente já não é mais perceptível, se tornando um registro desta história.

As exposições presentes na Sinagoga atuam em dois tempos, o passado e o presente. No passado quando fala sobre a inserção do povo judeu no Bom Retiro e na construção do templo, então temos fotografias, textos e documentos, e no presente quando expõem as tradições, estas que ainda são realizadas, colocando assim totens com monitores em que ao toque do visitante pode ter uma “imersão” na cultura. O fato de o mapa do Bom Retiro ser interativo significa ele está no limiar entre passado e presente – é o mesmo bairro, mas com a possibilidade de ver estabelecimentos que foram fechados, passando a ter outra função. Assim, não fazem do memorial apenas um lugar contemplativo, há interatividade, segundo Hughes (2010. P. 154), o visitante espera encontrar um botão ou um controle para interagir. Wagensberg (2000. P. 16) destaca três tipos de interação: a manual, mental e cultural. A primeira ocorre ao manipular o objeto, a segunda em traçar o que se vê no museu e no cotidiano, por fim, a cultural em que o visitante se identifica com o que está exposto sendo ele membro da comunidade ou não. No MIMJ não é possível a manipulação de objetos, mas há instalações que com um toque se descobre algo novo. Um judeu se reconhece nas práticas religiosas exibidas no segundo andar.

No subsolo, a tecnologia é usada como plataforma de observação para conhecer a história de alguns judeus que contribuíram para a formação do Brasil, além de fazer lembrar como era o Bom Retiro e quais eram os principais locais judaicos de convívio. Já no segundo andar, a tecnologia serve para complementar a fim de exemplificar a

expografia, então são totens com telas em que são projetados curtos vídeos ou figuras que ilustram os hábitos e costumes. Ainda no segundo andar, a tecnologia foi usada para aproximar os visitantes das fotografias que estão na sala.

Essa interação é importante para qualquer tipo de exposição, ela pode ser entre sujeitos e objetos e/ ou sujeitos e contextos (COLINVAUX. 2005. P. 81), no memorial é entre sujeito e contexto. O visitante pode ser judeu ou não, mas estará inserido em uma sinagoga, templo que simboliza o local de encontro para as práticas religiosas e a construção que demarca um território judaico, e lá conhecerá a história dos imigrantes, da sinagoga e os costumes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Os memoriais são destinados a rememorar eventos trágicos, vítimas de guerra, perseguidos políticos, homenagear líderes de Estado e artistas. As exposições são as plataformas que os memoriais usam para narrar tais eventos, majoritariamente, em uma narrativa histórica. Auxiliam na reafirmação e legitima um discurso, seja vítima ou algoz, priorizando acontecimentos e esquecendo, silenciando outros. Os discursos museológicos, como já apresentados, são resultado da interpretação e narrativa dos profissionais responsáveis pela instituição em função da missão do memorial (SHEINER. 2006). Na contemporaneidade, os dispositivos tecnológicos são usados, mais que para atrair público, para legitimar e efetivar o discurso. Esses recursos são utilizados para ajudar a enquadrar a forma de olhar a exposição, fazendo com que o visitante compreenda a mensagem que o memorial quer passar.

Insere-se assim, a proposta desse trabalho de conclusão de curso, em analisar a construção da memória do Memorial da Imigração Judaica a partir dos elementos que compõem a narrativa das exposições. Para tal, foi necessário explicar o processo de construção da Sinagoga, formação do bairro do Bom Retiro, sua chegada e adaptação a esse território paulista. Uma vez que, como já apresentado, as sinagogas são as maiores demonstrações religiosas que demonstram o poder da identidade e cultura judaica. A partir desta percebe-se a representatividade do MIMJ ter sido construído na Sinagoga Kehilat Israel, a mais antiga de São Paulo, que fora construída para atender as necessidades dos imigrantes judeus de ter uma estrutura sólida para as práticas religiosas.

As exposições são sequenciadas em: O que construímos, Onde estamos e O que mantivemos. A partir desta já percebe o enquadramento do passado e presente da imagem judeu no Brasil. O MIMJ construiu uma realidade visando provocar empatia e/ou reconhecimento com os visitantes não judeus e judeus. O discurso se apoia na vivência, indo na contramão da história judaica, como apontado por Ginzburg, de narrar a sua história a partir de um evento trágico, embora, haja elementos que relembre os momentos de terror, inclusive durante a minhas visitas estava sendo montada no terceiro andar o Memorial do Holocausto, que tem a previsão de abertura para o dia 12 de novembro de 2017. O Memorial tem a intenção de exibir quem são os judeus e como

eles colaboraram com o desenvolvimento do Brasil, traça o passado do imigrante que é trabalhador e consegue se restabelecer perante as dificuldades de outro país, ressaltando a importância de estar em comunidade e prosperar.

A construção da memória está em constante construção. Enfatizam a relação de convivência com diferentes culturas e etnias, incluindo entre grupos religiosos judaicos. Nessa exaltação do convívio de sua religiosidade, estão silenciados os conflitos entre povos e mesmo entre grupos religiosos. Constroem a sua imagem como pessoas de fácil convívio e harmoniosas, contudo, reforça que suas relações afetivas e familiares se dão entre pessoas do mesmo grupo ao qual pertencem.

Essa possibilidade de leitura só foi possível com a análise da exposição em si, talvez com a leitura dos projetos expográficos, eu teria uma maior clareza sobre a intencionalidade na formação da imagem judaica. Contudo, a falta do projeto expográfico, problema enfrentado ao longo do trabalho, nos faz refletir sobre as empresas que montam exposições e não deixam a documentação no museu, no caso mais específico, o MIMJ e a Base 7, logo, deixando incompletas muitas das minhas informações sobre a escolha do plano de circulação, acervo, o andar que abrigaria cada exposição, os objetos nas vitrines, que auxiliam a compreender a construção da narrativa foram perdidas. Portanto com a documentação não acessível, a pesquisa se embasou nas fotografias, material educativo disponibilizado ao visitante, as visitas guiadas com o diretor do educativo Reuven Faingold.

Conclui-se então que, o Memorial da Imigração Judaica não apoia seu discurso nas perseguições ou vitimização, reflexo esse dos tempos atuais, em que o grupo escolhe o que seria de positivo a oferecer de presente fugindo do estigma de sofrimento (SORJ. 2004). Os judeus nascidos no Brasil, ou os que migram não mais por motivo político e sim por uma melhor possibilidade não possuem espaço para serem contemplados, porque no memorial não há representação dos judeus, ainda habitantes da região, priorizam os imigrantes que aqui chegaram sem nenhuma condição financeira, se estabeleceram harmoniosamente e prosperaram. Como já afirmava Padiglione (2016) os espaços devem ser polifônicos para que as novas gerações possam contar a sua história.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ABREU, Regina. Memória, história e coleção. Anais do Museu Histórico Nacional, v. 28, p. 37-64, 1996.

ALMEIDA, Natália Frizzo de. Memória, história e renovação pedagógica: o ginásio israelita brasileiro Scholem Aleichem. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/D.48.2015.tde-14122015-155507. Acesso em: 2017-11-07.

ALVES DE MORAES, Nilson. Museu e museologia: itinerários e enfrentamentos contemporâneos. Argentina: ICOFOM, 2006, 103-111p.

ANDERSON, Benedict. "Patriotismo e racismo". Comunidades Imaginadas. Reflexões sobre a origem e difusão do Nacionalismo. São Paulo:Cia das Letras, 2008.

ARAÚJO, Marcelo Matos, BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Exposição Museológica : uma linguagem para o futuro. Cadernos Museológicos, Rio de Janeiro, n. 2, p. 12-17, dez. 1989.

AVIGDOR, Renée. **Judeus, sinagogas e rabinos**: o judaísmo em São Paulo em mudança. 2010. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. doi:10.11606/T.8.2010.tde-02082010-195320. Acesso em: 2017-09-30.

BARCELOS. Jorge. O Memorial como Instituição no Sistema de Museus: conceitos e prática na busca de um conteúdo. In: Fórum Estadual de Museus, Porto Alegre, 1999.(BARCELLOS, Jorge. O Memorial como instituição no sistema de museus: Conceitos e práticas de um conteúdo. Versão modificada da palestra apresentada no Fórum Estadual de Museus, Porto Alegre, 1999. Disponível em: . Acesso em: 28 jun. 2016.)

BAZIN, André. "A ontologia da imagem fotográfica" in O Cinema. Ensaios. Ed. Brasiliense, São Paulo, 1991. PP. 19-26

BENJAMIN, Walter. "Experiência e Pobreza". Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012 (Obras escolhidas; vol. 1;)

_____. “O Narrador”. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 2012 (Obras escolhidas; vol. 1;)

BITTENCOURT, José. Cada Coisa em Seu Lugar. Ensaio de Interpretação do discurso de um museu de história. In Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér., v. 8/9, p. 151-174 (2000-2001) Editado em 2003.

BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira, 2008, p. 146. Apud CURY, Marília Xavier. Museologia, novas tendências. P. 25 – 42.

_____. Museus e pedagogia museológica: os caminhos para a administração dos indicadores da memória. As várias faces do Patrimônio, por LEPA. Santa Maria: LEPA/UFSM, 2006.

_____. Estudos de cultura material e coleções museológicas: avanços, retrocessos e desafios. Cultura Material e Patrimônio de C&T. MAST: Rio de Janeiro, 2009

CASTRO, Ana Lúcia Siaines de. O museu do sagrado ao segredo. Rio de Janeiro: Revan, 2009

CARDOSO, J. B. Cultural hybridism in Latin America. Itinerários, Araraquara, n.27, p.79-90, July./Dec. 2008.

CHAGAS, Mário. Memória e poder: dois movimentos. Dissertação (Mestrado em Museologia). Universidade Lusófona de Humanidades, Lisboa. 2000.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. Estud. av. [online]. 1991, vol.5, n.11, pp.173-191. ISSN 01034014.<http://dx.doi.org/10.1590/S010340141991000100010>. pág. 183.

CHELINI, Maria Júlia Estefania . Novas tecnologias para... novas (?) expografias. Museologia & Interdisciplinaridade, Sao Paulo, v. 1, n. 2, p. 59, jul./dez. 2012.

CHERMONT. Lucia. “Reflexão sobre ser e pertencer na narrativa da comunidade judaica paulista”. In: LEWIN, Helena (coordenação) Judaísmo e Cultura: Fronteiras em Movimento. Rio de Janeiro: Imorimatur, 2013, P. 490 – 504.

CÔRREA, Ana Cláudia Pinto. Imigrantes Judeus em São Paulo: A reinvenção do Bom Retiro (1930 -2000). Tese (Doutorado em História) - Faculdade de História, Programa de Estudos de Pós- Graduação em História da Universidade Pontifícia Católica de São Paulo. São Paulo, p.270. 2007

COLINVAUX, Dominique. Museus de ciências e psicologia: interatividade, experimentação e contexto. História, Ciências, Saúde-Manguinhos, v. 12, suplemento, p. 79-91, 2005.

CURY, Marília Xavier. A importância das coisas: Museologia e Museus no Mundo Contemporâneo. In: SIMON, Samuel (org.). Um Século de Conhecimento: Arte, Filosofia, Ciência e Tecnologia no Século XX, p.1015-1047. Brasília, Editora Universidade de Brasília. 2011

CURY, Marília. “O Processo de concepção e Montagem de Exposição”. In: Exposições, concepções, montagens e avaliação, pp.51-117. São Paulo: AnnaBlume,2005.

CURY, Marília Xavier. O visitante como sujeito da exposição. Argentina: ICOFOM, 2006, 204-208p.

DESVALLÉS, André; MAIRESSE, François (Ed.). Conceitos-chave de Museologia. Tradução e comentários: Bruno Brulon Soares e Marilia Xavier Cury. São Paulo: Comitê Brasileiro do Conselho Internacional de Museus: Pinacoteca do Estado de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 2013. 100 p.

DERTÔNIO, Hilário. O Bairro do Bom Retiro: história dos bairros de São Paulo. Prefeitura Municipal. Secretaria de Educação e Cultura. Departamento de Cultura, 1971.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Cascas. Tradução de André Telles. Serrote: Uma Revista de Ensaios, Artes Visuais, Ideias e Literatura, São Paulo, n. 13, p. 99-133, mar. 2013.

DO SANTOS, Liliane Bispo; LOUREIRO, Maria Lúcia de Niemeyer Matheus. Musealização como estratégia de preservação: Estudo de Caso sobre um previsor de marés. Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio-PPG-PMUS Unirio| MAST-vol, v. 5, n. 1-2012, p. 49, 2012.

FLOREZ, Lilian Mariela Suescun. Jardins Botânicos: Entre A Linguagem Da Ciência E A Comunicação Com O Público. In: Seminário De Internacional Museografiae

Arquitetura De De Museus: Identidades Comunicação, 2., 2010. Rio de Janeiro, Anais. Rio De Janeiro, 2010.

GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um Paradigma Indiciário. In: Mitos, Emblemas e Sinais. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

_____. “Unus testis - O extermínio de judeus e o princípio de realidade” in O fio e os rastros: falso, fictício. São Paulo: Cia. das Letras, 2007, pp. 210-230

GIRAUDY, Danièle & BOUILHET, Henry. O museu e a vida. Rio de Janeiro: Fundação Nacional Pró- memória; Porto Alegre: Instituto estadual do livro – RS; Belo Horizonte: UFMG, 1990.

GOMES, Sergio Rugik. **A arquitetura das sinagogas**: exemplos relevantes e sua transformação no tempo. 2011. Dissertação (Mestrado em Projeto de Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. doi:10.11606/D.16.2011.tde-19012012-092731. Acesso em: 2017-10-07.

GONÇALVES FILHO, José Moura. “Olhar e Memória” in NOVAES, Adauto (org.). Olhar. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1988, pp. 95 - 124;

GONÇALVES, Lisbeth Rebollo. Entre cenografias: o museu e a exposição de arte no século XX. São Paulo: Editora USP: Fapesp. 2004.

GORENSTEIN, Lina. Da identidade judaica à identidade cristã - nova: o “homem dividida” de Anita Novinsky. In: LEWIN, Helena (coordenação) Judaísmo e Cultura: Fronteiras em Movimento. Rio de Janeiro: Imorimatur, 2013, P. 20- 27

GUEDES, Sandra Paschoal Leite de Camargo; ISSBERNER, Gina Esther. O Memorial de Imigração Polonesa em Curitiba: dinâmicas culturais e interesses políticos no âmbito memorialista. An. mus. paul., São Paulo , v. 25, n. 1, p. 427-455, Apr. 2017 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142017000100427&lng=en&nrm=iso>. access on 21 Aug. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-02672017v25n0115>.

GUERTZENSTEIN, Daniela Susana Segre. “Globalização: Comunidades Judaicas”. In: LEWIN, Helena (coordenação) Judaísmo e Cultura: Fronteiras em Movimento. Rio de Janeiro: Imprimatur, 2013, pp. 138- 149.

HAESBAERT, R. Hibridismo cultural, “antropofagia” identitária e transterritorialidade. In: BARTHE-DELOIZY, F., and SERPA, A., orgs. *Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia* [online]. Salvador: EDUFBA; Edições L'Harmattan, 2012, pp. 27-46. ISBN 978-85-232-1238-4. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HUGHES, Philip. *Exhibition design*. London: Laurence King Publishing, 2010.

KLEIN, Misha. “Afro- asquenazim” e outras experiências com identidade. In: *Experiência cultural judaica no Brasil*. Org. Mônica Grin e Nelson H. Vieira. TOPBOOKS, Rio de Janeiro. 2004. 81- 101p.

LARA FILHO, Durval de. *Museu: de espelho do mundo a espaço relacional*. 2006. Dissertação (Mestrado em Cultura e Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. doi:10.11606/D.27.2006.tde-30112006-105557. Acesso em: 2017-11-06.

MARTINS, Célia. *A imagem fotográfica como uma forma de comunicação e construção estética: Apontamentos sobre a fotografia vencedora do World Press Photo 2010*. URL: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/martins-celia-2013-imagem-fotografica-como-uma-formade-comunicacao.pdf>, 2014.

Memorial da Imigração judaica. <http://memij.org.br/index.php/historico/o-memorial> (acesso em 20/05/2017)

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. *Como explorar um museu histórico*. São Paulo: Museu Paulista – USP, 1992. P. 25 - 29

MENSCH, Peter van. *O objeto de estudo da museologia*. Tradução de Débora Bolsanello e Vânia Dolores Estevam de Oliveira. Rio de Janeiro: UNIRIO/UGF, 1994.

MORALES, Luis Geraldo Moreno. *La crisis de los museos de história*. Argentina: ICOFOM, 2006, 76-84p.

NORA, Pierre. “Entre Memória e História: a Problemática dos Lugares”, *Projeto História*, n. 10, dez. 1993, p. 7-28.

PADIGLIONE, Vincenzo. “Fazer falar o silêncio da história”: a virada narrativa dos museus. *Fractal, Rev. Psicol.* [online]. 2016, vol.28, n.2, pp.181-186. ISSN 1984-0292

PAIVA, Odair da Cruz. *Museus e Memória da Imigração: embates entre o passado e o presente*. In: *Patrimônio e História*. LEAL, Elisabete; PAIVA, Odair da Cruz (Orgs). Londrina, Unifil, 2014.

_____. *Migrar: Experiências, Memórias e Identidades*. Análise da exposição de longa duração do Museu da Imigração do Estado de São Paulo. In: XXVIII Simpósio Nacional de História, 2015, Florianópolis /SC. *Anais Eletrônicos do XXVIII Simpósio Nacional de História*, 2015. v. 1. p. 1-16.

PANOFISKY, Erwin. Introdução. In: *Estudos de Iconologia*. Editorial Estampa, Lisboa, 1986, p.19-37 -

PESEZ, Jean-Marie. *História da Cultura Material*. In: LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento, Silêncio” In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, vol.2, n.3, 1989.

PÓVOA, Carlos Alberto. *A territorialização dos Judeus na cidade de São Paulo SP: A Migração do Bom Retiro ao Morumbi*. Tese de doutorado DG/FFLCH/USP São Paulo, 2007

Revista Morasha. edição 91. Abril de 2016.
<http://www.morasha.com.br/brasil/memorial-da-imigracao-judaica.html> (acessado em 02/06/2017)

SÁNCHEZ DEL OLMO, Sara. “Sacralización, ritualización y espectáculo en torno al pasado: El Museo de la Memoria y los Derechos Humanos en Chile”. In *Anuario de Historia Regional y de las Fronteras*. 21 (2). pp. 193-216. *Anuario de Historia Regional y de las Fronteras*, Vol.21 No.2 DOI: <http://dx.doi.org/10.18273/revanua.v21n2-2016008>

SILVESTRE, Nathércia Pires. *Paisagens Urbanas e Paisagens Humanas: o Bairro do Bom Retiro*. *Baleia na Rede - Revista Online do Grupo de Pesquisa e Estudos em Cinema e Literatura*

SCHEINER, Tereza Cristina. Museologia e interpretação da realidade: O discurso da História. Argentina: ICOFOM, 2006, 52 – 60 p.

_____. Comunicação, educação, exposição: novos saberes, novos sentidos. Semiosfera, Rio de Janeiro, ano 3, n. 4-5, jul. 2003..

_____. Criando realidades através de exposições. In: MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS (MAST). Discutindo exposições: conceito, construção e avaliação. Rio de Janeiro: MAST, 2006. p. 7. (Mast Colloquia; n.8)

_____. Museologia e pesquisa: perspectivas na atualidade. In: O caráter político dos museus, MAST Colloquia, vol. 7, Museu de Astronomia e Ciências Afins – MCT, Rio de Janeiro, 2005, PP. 85 – 100.

SORJ, Bernardo. Diáspora, judaísmo e teoria social. In: Experiência cultural judaica no Brasil. Org. Mônica Grin e Nelson H. Vieira. TOPBOOKS, Rio de Janeiro. 2004. 53-81p.

SPINK, Mary Jane. Linguagem e produção de sentidos no cotidiano. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. 87 p.

TRUZZI, Oswaldo. Etnias em convívio: o bairro do Bom Retiro em São Paulo. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 28, p. 143-166, fev. 2001. ISSN 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2144>>. Acesso em: 07 Nov. 2017.

VIEIRA, Nelson H. Estudos judaicos-brasileiros e latino- americanos: uma abordagem para mapear o híbrido- diaspórico. In: Experiência cultural judaica no Brasil. Org. Mônica Grin e Nelson H. Vieira. TOPBOOKS, Rio de Janeiro. 2004. 81- 101p.

WILLIAMS, Paul. Memorial Museums: The Global Rush to Commemorate Atrocities. Oxford, UK: Berg, 2007.